



Ano 58
240
Junho 2011

GOIÁS INDUSTRIAL

Revista do Sistema Federação
das Indústrias do Estado de Goiás



QUALIDADE, UM BOM INVESTIMENTO

Número crescente de empresas passa a investir em boas práticas e na qualidade no trabalho, ampliando as chances de perpetuar seu negócio

Sesi Goiás
**INVESTIMENTO
DE 16,5 MILHOES**

Senai Goiás
**OS AVANÇOS DO
ENSINO A DISTÂNCIA**

Núcleo de Inovação
**CHANCE PARA MICRO
E PEQUENAS INDÚSTRIAS**



**Serviços que vão
deixar a sua empresa
sempre em
destaque**

- ▶ Defesa dos interesses da indústria
- ▶ Educação profissional e básica
- ▶ Saúde, lazer e cultura
- ▶ Certificação de qualidade
- ▶ Estágio
- ▶ Inovação Tecnológica
- ▶ Qualificação de fornecedores
- ▶ Assessoria Técnica e Tecnológica
- ▶ Pesquisa aplicada
- ▶ Assessoria e consultoria em Gestão Empresarial, Processo Produtivo, Segurança no Trabalho, Meio Ambiente e Responsabilidade Social
- ▶ Cursos, palestras e muito mais

Informações: 4002 6213 – Goiânia
0800 642 1313 – Demais localidades
www.sistemafieg.org.br



“Empresas que investem em boas práticas aumentam as chances de perpetuar seu negócio, turbinando ganhos de produtividade e eficiência”

Pedro Alves de Oliveira, presidente da Fieg



BOAS PRÁTICAS, ÓTIMOS RESULTADOS

São Paulo sediou, em 2009, o 3º Congresso Brasileiro de Inovação, promovido pela Confederação Nacional da Indústria, no esforço de mobilização do País para formação de uma agenda de inovação, essencial à competitividade e ao desenvolvimento. No seu Manifesto pela Inovação nas Empresas, os industriais brasileiros assumiram o compromisso de atuar como protagonistas na construção dessa diretriz, que defende o aumento dos recursos públicos e privados em pesquisa, desenvolvimento e inovação, com a meta de, em quatro anos, dobrar o número de empresas que investem nesse setor.

Estímulos e marcos regulatórios indiscutivelmente colaboram na diversificação de produtos e serviços e na redução de custos.

A matéria de capa desta edição da **Goiás Industrial** mostra como, em Goiás, desde 1996, o Sesi, com o PSQT (Prêmio Sesi Qualidade no Trabalho), realizado em todo o País, tem colhido resultados positivos nesse campo, comprovando que empresas que investem em boas práticas aumentam as chances de perpetuar seu negócio, turbinando ganhos de produtividade e eficiência.

O acesso e desenvolvimento de novas tecnologias, assim como boas práticas de gestão, com ênfase no capital humano, representam um dos principais fatores para que isso aconteça.

A versão 2011 do PSQT teve 23 participantes goianos, concorrendo com 37 práticas inovadoras.

Na etapa nacional, categoria micro e pequena empresa, modalidade Ambiente de Trabalho Seguro e Saudável, venceu a Pontal Engenharia Construções e Incorporações, que comemora 11 anos consecutivos sem acidentes nas obras,

somando 2 milhões de horas trabalhadas sem qualquer registro negativo, e seu projeto Produção Mais Limpa e Sustentável garante num edifício redução estimada entre 25% e 30% no consumo de energia elétrica, comparado a um prédio que utiliza tecnologia tradicional.

Na fase estadual, os prêmios couberam à Rhede Transformadores, Genix Indústria Farmacêutica, Futura Caminhões e Máquinas, Scitech Produtos Médicos, Belcar Caminhões e Máquinas, John Deere Brasil, Jalles Machado, Sama, Eternit e Construtora Biapó.

A Jalles Machado levou o primeiro lugar nas categorias Desenvolvimento Socioambiental e Educação e Desenvolvimento como empresa de grande porte. Ela foi a primeira indústria sucroalcooleira a receber o PSQT, em Goiás. Suas políticas ambiental e de gestão de pessoas estão inscritas na chamada “carta magna” da empresa, que contempla conceitos e práticas relacionados à qualidade e segurança de produtos e no ambiente de trabalho, respeito ao meio ambiente e busca constante de melhorias no desempenho operacional.

>> AO LEITOR

Pouco mais de três depois de sua última reforma editorial-gráfica, **Goiás Industrial** ganha, a partir desta edição, um novo visual, mais moderno, acompanhando tendências verificadas nas principais publicações empresariais do País. Desde a capa, com modificações na logomarca, às páginas internas, colunas e seções, o layout contemporâneo e mais organizado possibilita leitura fácil e dinâmica das notícias de conjuntura econômica, bem como dos serviços da Federação das Indústrias do Estado de Goiás, dos sindicatos que a integram, do Sesi, do Senai, do IEL e do ICQ Brasil, que constituem o Sistema Fieg.

» CAPA



30 Há mais de uma década, o Serviço Social da Indústria (Sesi) incentiva as indústrias a investir em boas práticas corporativas, como forma de dar sustentabilidade a sua operação, ampliar a competitividade e perpetuar o negócio ao longo do tempo. Os efeitos dessa política surgem mais nitidamente nos resultados do Prêmio Sesi Qualidade no Trabalho (PSQT). Entre outros destaques, a goiana Pontal Engenharia foi a vencedora da etapa nacional do 14º PSQT, na categoria Micro e Pequena Empresa, na modalidade Ambiente de Trabalho Seguro e Saudável. Na foto de capa, operários da Pontal praticam tai chi chuan em canteiro de obras, orientados pelo professor Krishna Raza

» ENTREVISTA

8 Um dos empresários que acompanharam a mais recente missão comercial brasileira à China, o presidente da Fieg, Pedro Alves de Oliveira, sustenta que o Brasil deve tirar proveito de suas vantagens estratégicas na produção de grãos e minérios para reforçar sua posição negociadora, capitalizar as oportunidades e enfrentar os desafios criados pela aproximação com os chineses.

» SESI GOIÁS

14 Atento à crescente demanda por educação, esporte e lazer entre trabalhadores da indústria, o Sesi Goiás investirá, até o final deste ano, mais de R\$ 16,5 milhões em obras de reforma e ampliação de suas unidades, incrementando o atendimento e modernizando os serviços que presta.



» SENAI GOIÁS

18 O ensino virtual ganha cada vez mais espaço na agenda de profissionais e de empresas. A modalidade já responde por quase metade das matrículas no Sesi e Senai. No ano passado, mais de 42 mil pessoas buscaram essa alternativa, um crescimento de 57,6% em relação a 2009.



» IEL GOIÁS

21 Quando se fala em metrologia, a qualidade é um conceito, mais do que importante, indispensável. Por isso, um número crescente de laboratórios de ensaio e calibração busca a Rede Metrológica de Goiás para assegurar reconhecimento à excelência de seus serviços, a caminho da acreditação pelo Inmetro, como explica Sáudio Peixoto (foto), do Hidroserv.

» NÚCLEO DE INOVAÇÃO DE GOIÁS

24 Criado em abril pela Fieg, em parceria com o Sebrae, o Núcleo de Inovação de Goiás terá R\$ 324,2 mil neste ano para sensibilizar, mobilizar e capacitar meia centena de micro e pequenas indústrias goianas na área de gestão da inovação.



» PROCOMPI

27 Em sua nova etapa, já em andamento, o Programa de Apoio à Competitividade das Micro e Pequenas Indústrias (Procompi) terá disponíveis perto de R\$ 1,4 milhão, que serão divididos entre os sindicatos das indústrias de móveis, produtos de cimento, calçados, rochas ornamentais e panificação.

» ICQ BRASIL

41 A certificação com base na norma ISO 9001 oferece à empresa a oportunidade de padronizar e racionalizar procedimentos e processos, reduzindo custos e potencializando resultados. Empresas certificadas apontam, entre outros benefícios, a diminuição de retrabalho e de desperdícios, menor geração de resíduos, com melhor aproveitamento de insumos e matérias-primas, trazendo, de quebra, reconhecimento pelo mercado e aumento das vendas.



» CRÉDITO

45 Empresários e gerentes do Banco do Brasil reuniram-se na Fieg para acertar os ponteiros e racionalizar o atendimento à indústria. O superintendente estadual do banco, João Batista Trindade Filho, anunciou a abertura de uma agência para atender ao polo calçadista de Goianira e a ampliação do limite das cartas-consultas acolhidas pelo FCO.



» CERTIFICAÇÃO

46 Genuinamente goiana, capacitada pelo Programa de Qualificação de Fornecedores (PQF), do IEL Goiás, a Top Automação conseguiu ser aprovada no cadastro exclusivo de fornecedores da Petrobras e participa da montagem do novo centro de pesquisas da estatal, anuncia Rafael Barbosa (foto), fundador e diretor administrativo da empresa.

GOIÁS INDUSTRIAL



Direção

José Eduardo de Andrade Neto

Coordenação de jornalismo

Geraldo Neto

Edição

Lauro Veiga Filho

Subeditor

Dehovan Lima

Reportagem

Andelaide Pereira, Daniela Ribeiro, Edilaine Pazini, Jávier Godinho e Nathalya Toaliari

Colaboração

Wellington da Silva Vieira

Fotografia:

Sílvio Simões, Alex Malheiros e Sérgio Araújo

Capa e ilustrações

Gabriel Martins e Chico Santos

Projeto gráfico

Wesley Cesar

Diagramação e produção

Clarim Comunicação e Marketing

Rua S-6 nº 129, Sala 01,
Setor Bela Vista
(62) 3242-9095

www.clarimcomunica.com.br
contato@clarimcomunica.com.br

Publicidade

Valéria Aquino

(62) 9242-1377 e 8113-3148
valeriarquino@gmail.com

Fotolito e impressão

Gráfica Kelps

As opiniões contidas em artigos assinados são de responsabilidade de seus autores e não refletem necessariamente a opinião da revista

Sistema FIEG

Federação das Indústrias do Estado de Goiás

Presidente:

Pedro Alves de Oliveira

Av. Araguaia, nº 1.544,
Ed. Albano Franco,
Casa da Indústria - Vila Nova
CEP 74645-070 - Goiânia-GO
Fone (62) 3219-1300
Fax (62) 3229-2975

Home page:

www.sistemafieg.org.br

E-mail

fieg@sistemafieg.org.br

NÚCLEO REGIONAL DA FIEG EM ANÁPOLIS

Presidente:

Ubiratan da Silva Lopes

Av. Engº Roberto Mange,
nº 239-A, Bairro Jundiá,
CEP 75113-630, Anápolis-GO
Fone/Fax (62) 3324-5768 /
3311-5565

E-mail:

nureaps@sistemafieg.org.br

SESI

Serviço Social da Indústria

Diretor Regional:

Pedro Alves de Oliveira

Superintendente: Paulo Vargas

SENAI

Serviço Nacional de Aprendizagem Industrial

Diretor Regional: Paulo Vargas

IEL

Instituto Euvaldo Lodi

Diretor: Hélio Naves

Superintendente: Humberto Oliveira

ICQ BRASIL

Instituto de Certificação

Qualidade Brasil

Diretor: Justo O. D'Abreu Cordeiro

Superintendente: Tatiana Jucá

Diretoria da FIEG

Presidente

Pedro Alves de Oliveira

1º Vice-Presidente

Wilson de Oliveira

2º Vice-Presidente

Eduardo Cunha Zuppani

3º Vice-Presidente

Antônio de Sousa Almeida

1º Secretário

Marley Antônio da Rocha

2º Secretário

Ivan da Glória Teixeira

1º Tesoureiro

André Luiz Baptista Lins Rocha

2º Tesoureiro

Hélio Naves

Diretores

Segundo Braoios Martinez

Sandro Marques Scodro

Orizomar Araújo Siqueira

Ubiratan da Silva Lopes

Manoel Paulino Barbosa

Robson Peixoto Braga

Roberto Elias de L. Fernandes

José Luis Martin Abuli

Álvaro Otávio Dantas Maia

Eurípedes Felizardo Nunes

Jair Rizzi

Henrique W. Morg de Andrade

Eduardo Gonçalves

Leopoldo Moreira Neto

Flávio Paiva Ferrari

Luiz Gonzaga de Almeida

Luiz Ledra

Daniel Viana

Osvaldo Ribeiro de Abreu

Elvis Roberson Pinto

Eduardo José de Farias

Valdenício Rodrigues de Andrade

Ailton Aires de Mesquita

Hermínio Ometto Neto

Carlos Alberto Vieira Soares

Jerry Alexandre de Oliveira Paula

Josélio Vitor da Paixão

Jaime Canedo

Conselho Fiscal

Justo O. D'Abreu Cordeiro

Laerte Simão

Mário Drummond Diniz

Conselho de Representantes junto à CNI

Paulo Afonso Ferreira

Sandro Antônio Scodro

Conselho de

Representantes junto à Fieg

Abílio Pereira Soares Júnior

Ailton Aires Mesquita

Alyson José Nogueira

Álvaro Otávio Dantas Maia

Ananias Justino Jaime

Aurelino Antônio dos Santos

Carlos Alberto Diniz

Carlos Alberto Vieira Soares

Carlos Queiroz de Paula e Silva

Carlos Roberto Viana

Cyro Miranda Gifford Júnior

Daniel Viana

Domingos Sávio G. de Oliveira

Edilson Borges de Sousa

Eduardo Cunha Zuppani

Eduardo Gonçalves

Eduardo José de Farias

Elvis Roberson Pinto

Ernani Martins Almeida

Eurípedes Felizardo Nunes

Fábio Rassi

Flávio Paiva Ferrari

Francisco Gonzaga Pontes

Henrique Wilhem Morg de Andrade

Hermínio Ometto Neto

Hélio Naves

Heribaldo Egídio

Jaime Canedo

Jair Rizzi

Jairo França

João Essado

Joaquim Cordeiro de Lima

José Alves Pereira

José Antônio Vitti

José Batista Júnior

José Divino Arruda

José Luiz Martin Abuli

José Vieira Gomide Júnior

Justo Oliveira D'Abreu Cordeiro

Laerte Simão

Leonardo Jayme de Arimatéa

Leopoldo Moreira Neto

Luiz Gonzaga de Almeida

Luiz Ledra

Luiz Rézio

Manoel Paulino Barbosa

Manoel Silvestre Álvares da Silva

Marcelo José Carneiro

Marley Antônio Rocha

Marcelo José Carneiro

Moacyr Rabello Leite Neto

Nilton Pinheiro de Melo

Orizomar Araújo de Siqueira

Pedro Alves de Oliveira

Pedro Daniel Bittar

Pedro de Souza Cunha Júnior

Ricardo Araújo

Roberto Elias de Lima Fernandes

Robson Peixoto Braga

Rodolfo Luis Xavier Vergílio

Sandro Antônio Scodro Mabel

Sávio Cruvinel Câmara

Segundo Braoios Martinez

Ubiratan da Silva Lopes

Valdenício Rodrigues de Andrade

Wellington Soares Carrijo

Wilson de Oliveira

Conselhos Temáticos

Conselho Temático de Desenvolvimento Tecnológico e Inovação

Presidente

Melchíades da Cunha Neto

Vice-Presidente

Ivan da Glória Teixeira

Conselho Temático de Meio Ambiente

Presidente

Henrique W. Morg de Andrade

Vice-Presidente

Aurelino Antônio dos Santos

Conselho Temático de Infraestrutura

Presidente

Célio de Oliveira

Vice-Presidente

Álvaro Otávio Dantas Maia

Conselho Temático de Política Fiscal e Tributária

Presidente

Eduardo Zuppani

Conselho Temático de Relações do Trabalho

Presidente

Orizomar Araújo de Siqueira

Vice-Presidente

Ricardo Roriz

Conselho Temático de Micro e Pequena Empresa

Presidente

Leopoldo Moreira Neto

Vice-Presidente

Carlos Alberto Vieira Soares

Conselho Temático de Responsabilidade Social

Presidente

Antônio de Sousa Almeida

Vice-Presidente

Rosana Gedda Carneiro

Conselho Temático de Agronegócios

Presidente

Igor Montenegro

Vice-Presidente

Ananias Justino Jaime

Conselho Temático de Comércio Exterior e Negócios Internacionais

Presidente

Emílio Bittar

Vice-Presidente

José Carlos de Souza

Conselho Temático Fieg Jovem

Presidente

André Lavor Pagels Barbosa

Vice-Presidente

Thomaz Antônio Pompeo de Pina

Rede Metrológica Goiás

Presidente

Marçal Henrique Soares

Câmara Setorial de Mineração

Presidente

José Antônio Vitti

Vice-Presidente

Luiz Antônio Vessani

Sindicatos com sede na Federação das Indústrias do Estado de Goiás

Av. Anhanguera, nº 5.440, Edifício José Aquino Porto, Palácio da Indústria, Centro, Goiânia-GO, CEP 74043-010

SIAEG

Sindicato das Indústrias de Alimentação no Estado de Goiás
Presidente: Sandro Antônio Scodro Mabel
Fone/Fax: (62) 3224-9226
siaeg@terra.com.br

SIEEG

Sindicato das Indústrias Extrativas do Estado de Goiás e do Distrito Federal
Orlando Alves Carneiro Júnior
Fone (62) 3212-6092
Fax 3212-6092
sieeg@sistemafieg.org.br

SIGEGO

Sindicato das Indústrias Gráficas no Estado de Goiás
Presidente: Antônio de Sousa Almeida
Fone (62) 3223-6515
Fax 3223-1062
sigego@sistemafieg.org.br

SIMAGRAN

Sindicato das Indústrias de Rochas Ornamentais do Estado de Goiás
Presidente: Carlos Queiroz de Paula e Silva
Fone/Fax (62) 3224-8688

SINCAFÉ

Sindicato das Indústrias de Torrefação e Moagem de Café no Estado de Goiás
Presidente: Carlos Roberto Viana
Fone (62) 3212-7473
Fax 3212-5249
sincafe@sistemafieg.org.br

Outros endereços

SIAGO

Sindicato das Indústrias do Arroz no Estado de Goiás
Presidente: José Nivaldo de Oliveira
Rua T-45, nº 60 - Setor Bueno
CEP 74210-160 - Goiânia - GO
Fone/Fax (62) 3251-3691 - siago@cultura.com.br

SIFAÇUCAR

Sindicato da Indústria de Fabricação de Açúcar no Estado de Goiás
Presidente: Segundo Braoios Martínez
Presidente-Executivo: André Luiz Baptista Lins Rocha
Rua C-236, nº 44 - Jardim América
CEP 74290-130 - Goiânia - GO
Fone (62) 3274-3133 / Fax (62) 3251-1045

SINDAGO

Sindicato dos Areeiros do Estado de Goiás
Presidente: Ernani Martins de Almeida
Fone/Fax (62) 3224-8688

SINDIALF

Sindicato das Indústrias de Alfaiataria e Confecção de Roupas para Homens no Estado de Goiás
Presidente: Daniel Viana
Fone (62) 3223-2050

SINDIBRITA

Sindicato das Indústrias Extrativas de Pedreiras do Estado de GO, TO e DF
Presidente: Moacyr Rabello Leite Neto
Fone/Fax (62) 3213-0778
sindibrita@sistemafieg.org.br

SINDICALCE

Sindicato das Indústrias de Calçados no Estado de Goiás
Presidente: Elvis Roberson Pinto
Fone/Fax: (62) 3225-6402
sindicalce@sistemafieg.org.br

SINDICARNE

Sindicato das Indústrias de Carnes e Derivados no Estado de Goiás e Distrito Federal
Presidente: José Magno Pato
Fone/Fax (62) 3229-1187 e 3212-1521
sindicarne@sistemafieg.org.br

SIFAEG

Sindicato das Indústrias de Fabricação de Etanol no Estado de Goiás
Presidente: Segundo Braoios Martínez
Presidente-Executivo: André Luiz Baptista Lins Rocha
Rua C-236, nº 44 - Jardim América
CEP 74290-130 - Goiânia - GO
Fone (62) 3274-3133 e (62) 3251-1045
sifaeg@terra.com.br

SIMESGO

Sindicato da Indústria Metalúrgica, Mecânica e de Material Elétrico do Sudoeste Goiano
Presidente: Eurípedes Felizardo Nunes
Rua Costa Gomes, nº 143
Jardim Marconal
CEP 75901-550 - Rio Verde - GO
Fone/Fax (64) 3623-0591

SIMELGO

Sindicato das Indústrias Metalúrgicas, Mecânicas e de Material Elétrico do Estado de Goiás
Presidente: Orizomar Araújo de Siqueira
Fone/Fax (62) 3224-4462 contato@simelgo.org.br

SIMPLAGO

Sindicato das Indústrias de Material Plástico no Estado de Goiás
Presidente: Aurelino Antônio dos Santos
Fone (62) 3224-5405
simplago@sistemafieg.org.br

SINDICURTUME

Sindicato das Indústrias de Curtumes e Correlatos do Estado de Goiás
Presidente: João Essado
Fone/Fax: (62) 3212-3970
sindicurtume@sistemafieg.org.br

SINDIGESSO

Sindicato das Indústrias de Gesso, Decorações, Estuques e Ornatos do Estado de Goiás
Presidente: José Luiz Martin Abuli
Fone: (62) 3224-7443
sindigesso@sistemafieg.org.br

SINROUPAS

Sindicato das Indústrias de Confecções de Roupas em Geral de Goiânia
Presidente: Edilson Borges de Sousa
Rua 1.137, nº 87 - Setor Marista
CEP 74180-160 - Goiânia - GO
Fone/Fax: (62) 3088-0877
sinroupas@yahoo.com.br

SINDUSCON-GO

Sindicato da Indústria da Construção no Estado de Goiás
Presidente: Justo Oliveira D'Abreu Cordeiro
Rua João de Abreu, 427 - St. Oeste
CEP 74120-110 - Goiânia - GO
Fone (62) 3095-5155/Fax 3095-5176/5177 contato@sinduscongoias.com.br

SINDILEITE

Sindicato das Indústrias de Laticínios no Estado de Goiás
Presidente: Ananias Justino Jaime
Fone (62) 3212-1135
Fax 3212-8885
sinleite@terra.com.br

SINDIPÃO

Sindicato das Indústrias de Panificação e Confeitaria no Estado de Goiás
Presidente: Luiz Gonzaga de Almeida
Fone: (62) 8422-4022
sindipao@sistemafieg.org.br

SINDIREPA

Sindicato da Indústria de Reparação de Veículos e Acessórios no Estado de Goiás
Presidente: Ailton Aires Mesquita
Telefone (62) 3224-0121
sindirepa@sistemafieg.org.br

SINDMÓVEIS

Sindicato das Indústrias de Móveis e Artefatos de Madeira no Estado de Goiás
Presidente: Manoel Paulino Barbosa
Fone/Fax (62) 3224-7296
sindmoveis@sistemafieg.org.br

SINDTRIGO

Sindicato dos Moinhos de Trigo da Região Centro-Oeste
Presidente: André Lavor Pagels Barbosa
Fone (62) 3223-9703
sindtrigo@sistemafieg.org.br

SININCEG

Sindicato das Indústrias de Cimento, Cal e Derivados no Estado de Goiás
Presidente: José Antônio Vitti
Fone/Fax (62) 3223-6667
sininceg@sistemafieg.org.br

SINPROCIMENTO

Sindicato da Indústria de Produtos de Cimento do Estado de Goiás
Presidente: Luiz Ledra
Fone (62) 3224-0456/
Fax 3224-0338
siac@sistemafieg.org.br

SINDQUÍMICA-GO

Sindicato das Indústrias Químicas e Farmacêuticas no Estado de Goiás
Presidente: Eduardo Cunha Zuppani
Fone (62) 3212-3794/
Fax 3225-0074
sindquimica@sistemafieg.org.br

SINVEST

Sindicato das Indústrias do Vestuário no Estado de Goiás
Presidente: José Divino Arruda
Fone/Fax (62) 3225-8933
sinvest@sistemafieg.org.br

Anápolis

Av. Engº Roberto Mange, nº 239-A, Jundiá, Anápolis/GO
CEP 75113-630 Fone/Fax: (62) 3324-5768 e 3311-5565
sind.industria@terra.com.br

SIAA

Sindicato das Indústrias de Alimentação de Anápolis
Presidente: Wilson de Oliveira

SICMA

Sindicato das Indústrias de Construção e do Mobiliário de Anápolis
Presidente: Álvaro Otávio Dantas Maia

SINDIFARGO

Sindicato das Indústrias Farmacêuticas no Estado de Goiás
Presidente: Marçal Henrique Soares

SIMEA

Sindicato das Indústrias Metalúrgicas, Mecânicas e de Material Elétrico de Anápolis
Presidente: Robson Peixoto Braga

SINDICER

Sindicato das Indústrias de Cerâmica no Estado de Goiás
Presidente: Henrique Wilhelm Morg Andrade

SIVA

Sindicato das Indústrias do Vestuário de Anápolis
Presidente: Jair Rizzi

Senhor empresário: A FIEG é integrada por 35 sindicatos da indústria, com sede em Goiânia, Anápolis e Rio Verde. Conheça a entidade representativa de seu setor produtivo. Participe. Você só tem a ganhar.

“ESQUEÇAM O DÓLAR”

O Brasil deve aproveitar suas vantagens estratégicas nas áreas de produção de grãos e de minérios para consolidar uma forte posição negociadora que torne possível aproveitar todas as oportunidades e enfrentar os riscos que deverão surgir a partir da aproximação com a China, avalia o presidente da Federação das Indústrias do Estado de Goiás (Fieg), Pedro Alves de Oliveira. O empresário participou da recente missão oficial brasileira àquele país, comandada pela presidente Dilma Rousseff. A seu ver, o País deverá perseguir “firmemente” a diminuição de seus custos, credenciando-se a disputar espaços no mercado internacional como um todo e especialmente no mercado chinês. “Esqueçam o dólar”, declara.

Goiás Industrial – Qual balanço da viagem à China e que perspectivas essa aproximação com o mercado chinês poderá abrir para a indústria goiana?

Pedro Alves – A China nos apresenta um cenário de ameaças e de oportunidades. Entendemos que a formação do bloco composto por Brasil, Rússia, Índia, China e África do Sul, o chamado Brics, tende a se fortalecer cada vez mais. Obviamente, há um interesse mútuo entre esses países. A China tem definido um foco muito grande no Brasil porque depende de dois produtos de extrema importância para sua economia. Primeiro, ela depende dos alimentos produzidos no Brasil, especialmente da soja, que hoje é uma prioridade para a China, que precisa da nossa produção para suprir suas necessidades alimentares e, com o subproduto da soja, produzir a sua proteína animal. Os chineses também precisam do nosso minério. Na China, é visível entre as autoridades de seu governo e dos segmentos empresariais a grande expectativa em relação a esses dois grupos de produtos. Além disso, há uma aposta chinesa muito forte na África do Sul. A China é um país que tem um planejamento de longo prazo, é um povo altamente disciplinado, focado nos seus objetivos, e vai competir de forma muito eficiente



com os demais países do Brics.

Goiás Industrial – Como deve se dar esse processo de competição em relação ao Brasil?

Pedro Alves – Aquele país que demonstrar maior expertise na negociação, maior agilidade na captação de oportunidades, na defesa econômica, vai se sobressair. Aqui, no Brasil, teremos de nos preparar intensamente para sermos eficientes nessa negociação com os chineses. Temos de buscar firmemente a diminuição de nossos custos. Não adianta ficarmos batendo que precisa desvalorizar o real, que o dólar tem de valer mais, porque assim vamos perder o jogo. O valor do dólar oscila ao sabor das pressões do mercado, com tendência majoritariamente de baixa no momento. Temos de ser eficientes no que produzimos para poder disputar esse mercado. Esqueçam o dólar. Diante desse quadro, teremos grandes oportunidades para explorar na China. Nosso país é hoje visto, não só pela China mas pelo restante do mundo, como um celeiro do mundo, dadas todas as condições naturais de solos, de clima, de dimensão territorial, o que nos assegura capacidade de produzir em quase todo o País, com exceção da Floresta Amazônica. Mesmo na região do semi-árido nordestino, se colocarmos água, a agricultura se torna possível. Então, temos de aproveitar nossos pontos fortes. Eles querem nossa matéria-prima? Querem. Mas temos de ter o poder de negociação com os chineses para que eles venham investir no Brasil, mas para agregar valor à nossa produção primária. No caso da soja, temos de caminhar na negociação no sentido de que nosso grão seja processado no Brasil, com a venda posterior do produto já industrializado, com agregação local de valor. Eles querem nosso minério de ferro. Mas podemos exportar o aço processado.

Goiás Industrial – Na visão do sr., as vantagens estratégicas do Brasil deveriam estar sendo utilizadas de forma a reforçar a posição negociadora do País na relação comercial com os chineses?

Pedro Alves – Exatamente. Temos de exercitar

nossa capacidade e nosso poder de negociação, porque a tradição comercial é milenar entre os chineses. Teremos de aprender a negociar com a China e quem pretende fazer negócios com eles tem de ir ao país para conhecê-lo, conhecer seu povo, suas tradições e sua história para poder negociar com os chineses. E entender que esse é um povo disciplinado, é um povo determinado, características que devem ser conhecidas para estabelecer um procedimento de negociação com a China.

Goiás Industrial – O sr. acompanhou o encontro de cúpula dos países formadores do bloco dos Brics. O que foi possível perceber?

Pedro Alves – A África do Sul já tem uma relação com a Índia, além da China. A Rússia parece mais introvertida e não aparenta ter a habilidade dos demais países do bloco. O Brasil tem grande oportunidade nessa negociação, se souber aproveitar suas potencialidades. Precisamos saber explorar isso e levar vantagem dentro daquilo que é nosso potencial.

Goiás Industrial – O sr. falou em oportunidades, mas também em ameaças. De que se trata especificamente?

Pedro Alves – A ameaça chinesa é o baixo custo que eles têm na produção. Lá não há esse ‘marasmo’ tributário que nós temos; não tem o ‘marasmo’ das obrigações sociais, que encarecem a mão de obra. O salário médio do trabalhador chinês é em torno de US\$ 200 enquanto nosso salário mínimo é de R\$ 545 (perito de US\$ 345). Mas não é apenas R\$ 545, porque, com os encargos sociais, seu valor sobe para R\$ 1,2 mil (quase US\$ 760). Agregado ao

“A China é um país que tem um planejamento de longo prazo, (...) focado nos seus objetivos, e vai competir de forma muito eficiente com os demais países do Brics”



“Não adianta ficarmos batendo que precisa desvalorizar o real, que o dólar tem de valer mais, porque assim vamos perder o jogo”

nosso ‘marasmo’ tributário, somado ao custo da mão de obra, fica difícil produzir em condições competitivas com a China. Essa é a ameaça: nós abriremos a economia e os chineses, com seu baixo custo de produção, invadirem nosso mercado com seus produtos, tirar empregos dos brasileiros e inviabilizar a indústria brasileira. Por isso devemos focar exatamente na redução de nossos custos.

Goiás Industrial – A estratégia para enfrentar essa ameaça deveria incluir quais outras “armas”, além da redução dos custos?

Pedro Alves – Temos de ter uma reforma tributária principalmente para simplificar os impostos. Temos de trabalhar no sentido de exterminar totalmente o imposto sobre imposto. Por

exemplo, temos um imposto sobre energia que, em Goiás, tem alíquota nominal de 29%. Mas a alíquota real é de 33,33% porque o imposto é calculado sobre o valor da tarifa que já embute o total a ser recolhido como ICMS (Imposto sobre Circulação de Mercadorias e Serviços). Isso representa um enorme aumento de custos. A questão das obrigações sociais também vai inviabilizando a competitividade de nossos produtos. A grande ameaça, repito, é de o produto chinês, que hoje já é produzido com qualidade, invadir nosso mercado. É uma ameaça, na verdade, para todos os demais países do Brics. Não adianta criar mecanismos artificiais para tentar facilitar a competição.

Goiás Industrial – Quais são as reais intenções de investimento da China no País e, mais precisamente, em Goiás? Quais as perspectivas desses investimentos serem de fato realizados?

Pedro Alves – A missão brasileira colocou com clareza, nos contatos com os chineses, que não interessa ao Brasil simplesmente vender matéria-prima in natura e que estamos abertos a investimentos da China, desde que viabilizem a agregação de valor aos nossos produtos. O chinês já percebeu que, para ter uma negociação mais franca com o Brasil, terá de ceder nesse ponto. Ele terá de vir, fazer investimentos e montar indústrias aqui dentro. Mas a China quer, concomitantemente, trazer chineses para cá também.

Goiás Industrial – Essa exigência foi colocada com clareza?

Pedro Alves – Foi colocada, porque eles precisam criar empregos para sua população. Dentro de sua expertise de negociação, quando decide realizar um investimento fora, a China quer ter conhecimento total do país que vai receber o investimento e nada melhor do que trazer chineses para conhecer como fazemos aqui e prepará-los comercialmente, industrialmente para estabelecer essa interrelação. Como eles precisam de nossas matérias-primas e já perceberam que terão de investir na sua industrialização aqui no Brasil – e estão dispostos a fazer esses

investimentos –, é nessa hora que temos de ter uma condição de negociação bem definida para que o País não saia com prejuízo desse jogo.

Goiás Industrial – Quais são as possibilidades para indústria goiana nesse processo de aproximação com os chineses? O sr. vê alguma perspectiva de investimentos ou de exportação para lá?

Pedro Alves – Os chineses indicaram que o mercado está aberto para exportações brasileiras de calçados e de outros produtos. Mas não visualizo hoje nossa condição de custos para exportar para a China, diante dos baixos custos de produção que eles têm. Teremos momentaneamente enorme dificuldade para exportar produtos industrializados. Temos de iniciar pelos setores em que somos fortes, que são a mineração e o agronegócio, para gradativamente incrementar esse intercâmbio comercial com aquele país. Mesmo porque a China tem uma política hoje de geração interna de empregos. O país tem por volta de 200 milhões de habitantes abaixo do nível de pobreza e quer melhorar o poder aquisitivo desse contingente, gerando empregos. Aos poucos, os trabalhadores começam a querer ter uma organização, reivindicar benefícios sociais. Ainda é um processo muito lento, mas indica que a China caminha no sentido de se aproximar dos países de economia de mercado.

Goiás Industrial – A perspectiva de a China trazer chineses para trabalhar no Brasil pode representar algum tipo de risco para o mercado de trabalho brasileiro?

Pedro Alves – O interesse primeiro deles é a soja. Segundo ouvimos lá, nos investimentos previstos para o Brasil, 80% da mão de obra será brasileira e 20% corresponde ao pessoal que eles pretendem trazer. Agora, se os investidores chineses trouxerem 20% de mão de obra alta-

mente qualificada, isso será importante para o Brasil, porque, juntamente com esse pessoal, virá a tecnologia, a expertise na área de produção industrial e isso será positivo para o País. No entanto, a conversa é uma e precisamos nos assegurar de que, na prática, efetivamente isso ocorrerá. Mais uma vez, temos de ter habilidade e capacidade para negociar com os chineses.

Goiás Industrial – Retornando aos assuntos do Estado, recentemente foi criado um grupo encarregado de modernizar e, muito provavelmente, ampliar os prazos de fruição dos benefícios do Produzir. O Supremo Tribunal Federal (STF) deverá se manifestar, em breve, sobre as ações de inconstitucionalidade movidas contra os incentivos. Qual a visão da Fieg sobre todo esse processo? Como ficarão, no caso de uma decisão desfavorável aos incentivos, as empresas que se instalaram em Goiás atraídas por esses benefícios?

Pedro Alves – Em primeiro lugar, é indiscutível que o crescimento econômico de nosso Estado deve-se muito aos incentivos fiscais que foram adotados ao longo desses últimos 28 anos, desde o início do Fomentar. Isso foi fundamental para o crescimento. Essa discussão sobre os incentivos fiscais já vem se arrastando há alguns anos, com alguns Estados glosando créditos de empresas incentivadas, não aceitando ou sobretaxando mercadorias e produtos dessas empresas, no caso, por exemplo, de São Paulo. É a chamada guerra fiscal. Entendemos que alguma coisa efetivamente tem de ser feita. A própria Confederação Nacional da Indústria (CNI) entrou com uma Adin (ação direta de inconstitucionalidade) contra benefícios fiscais concedidos para bens e produtos importados, mas esse tipo de ação acabará abrangendo outros aspectos da política de incentivos fiscais. Com relação às importações,

“Na pior das hipóteses, temos de pelo menos convalidar os benefícios (fiscais) que já foram concedidos (...). Não podemos tirar aquilo que já foi conquistado por essas empresas”

na condição de presidente da Fieg, juntamente com Paulo Afonso Ferreira, secretário geral da CNI (e ex-presidente da Fieg), durante reunião na confederação, argumentamos muito para evitar que essa atitude fosse tomada porque temos aqui laboratórios que precisam de matéria-prima importada, temos indústrias de veículos que precisam de peças e acessórios. Mas fomos voto vencido na reunião. A CNI já havia entrado com ações contra Pernambuco, Santa Catarina, Espírito Santo e não houve como evitar que Goiás também tivesse sua política questionada. O Congresso vai agora definir sobre essa questão dos incentivos. Proponho aguardar essa definição. Na pior das hipóteses, temos de pelo menos convalidar os benefícios que já foram concedidos, porque uma empresa veio para o Estado e se instalou aqui, fundamentada naquele benefício fiscal. Não podemos tirar aquilo que já foi conquistado por essas empresas. Se tivermos de mudar, vamos mudar daqui para frente. Mas devemos conva-

lidar os benefícios que as empresas já instaladas receberam.

Goiás Industrial – O que virá depois, caso os benefícios caiam na Justiça?

Pedro Alves – Temos de entender que os Estados em processo de desenvolvimento, como é o caso de Goiás e de outros, precisam ter algum tipo de benefício, se não for fiscal, que seja por meio da alocação de recursos em volume e em condições compatíveis com seu atual estágio de desenvolvimento. Temos de encontrar mecanismos que permitam o desenvolvimento desses Estados, não podemos abrir mão disso. Como isso será feito, no entanto, deverá ser uma discussão a ser feita se caírem as políticas de benefícios fiscais. Mas que os Estados emergentes têm de poder oferecer um diferencial, isso tem. Como você vai competir com São Paulo, com o Rio de Janeiro e demais Estados desenvolvidos se você ainda está um estágio anterior de desenvolvimento?

Goiás Industrial – Qual cenário se pode esperar para a indústria no restante do ano?

Pedro Alves – Em primeiro lugar, o aumento do superávit primário do governo neste ano é um fator altamente positivo, já que a arrecadação tem superado as despesas, o que dá uma situação de conforto maior para a política econômica. O setor produtivo não entende como eficaz a medida de aumento das taxas de juros para combater a inflação. Nossa visão é bem direta e eficiente – inflação se combate com aumento da produção. Não há como combater inflação com alta dos juros, porque, quando você eleva os juros, aumenta os custos de produção. Então, isso é incongruente, porque você está agregando aumento de custos à produção e ainda quer diminuir a inflação. O combate à inflação deve ser feito com mais produção. Vou dar um exemplo prático. O preço do álcool subiu exageradamente. Por que subiu? Porque não tem álcool no Brasil hoje. A partir de agora, o preço do álcool vai sofrer uma queda brusca. Por quê? Porque entra a safra, a oferta aumenta bastante. O preço do álcool vai cair inevitavelmente. Portanto, entendemos que inflação se combate com produção.



“O setor produtivo não entende como eficaz a medida de aumento das taxas de juros para combater a inflação. (...) Inflação se combate com aumento da produção”

“Mas não é, o Brasil de hoje, esse país que parece a caminho da condenação eterna”

Ilézio Inácio Ferreira, presidente da Associação das Empresas do Mercado Imobiliário de Goiás (Ademi-GO)



A IMPOSIÇÃO DA ÉTICA

Em carta à revista *Época*, edição de 18 de abril, José de Anchieta Nobre, morador na Tijuca, no Rio de Janeiro, a propósito da escalada criminosa de um insano que levou à morte bárbara 12 jovens inocentes e indefesos, comenta que o massacre em Realengo teve um efeito inesperado: a conscientização dos princípios éticos. E complementou: “É o que ocorre quando valorizamos atos como o do PM que evitou uma tragédia maior.” A natural comoção deixada à parte, o episódio, visto por esse ângulo, localiza a transcendência da ética nas relações do cotidiano. Para algumas correntes de pensamento, a ética – quando existe, e se praticada – é nata; se não isso, é fruto da boa educação nutrida em lares bem formados e regidos pelos princípios da seriedade e da responsabilidade. Diante de tão bons conceitos, resta a conclusão de que é possível ser ético – mas desde que se queira sê-lo.

Não é assim, obviamente, nesse cenário cada vez mais contaminado de Brasília, que dá à cidade a fama de “viver de costas para o Brasil e alheia às demandas éticas”, conforme a *Veja* publicou na edição de 4 de maio. Mas não é, o Brasil de hoje, esse país que parece a caminho da condenação eterna. Temos exemplos edificantes, e é muito bom saber deles e com eles seguirmos uma trilha edificante. Se condenamos a prática política num sentido genérico, é preciso que se ressaltem as exceções, que não são poucas. E, da parte de cada um de nós, dando outros exemplos de respeito e de culto aos princípios éticos. E tudo começa no nosso cotidiano.

No comando do Instituto Cidade, que a Ademi houve por bem fundar em setembro do ano passado, com a relevante missão de inserir a atividade empresarial na engenharia das soluções para



os desafios urbanos de Goiânia, repetimos o procedimento na nossa própria empresa, a Consciente Construtora, onde as responsabilidades são divididas, para se ter como produto final um somatório favorável a todos aqueles que contratam nossos trabalhos ou que compram nossos produtos. Isso é ser ético.

Tenho dito a nossos políticos que ao sagrarem-se vencedores no certame eleitoral, que eles se dediquem à boa causa da execução de suas obrigações, desempenhando com lisura o papel para o qual foram eleitos. Mas o que se vê normalmente é cada um atuando apenas para ganhar a próxima eleição. Isso não é ético.

Vivemos num país de muita desigualdade. Falta disposição de nossos governantes de produzir para todos, e não para uma minoria. Clamamos hoje por infraestrutura, educação, saúde, segurança, transporte coletivo, e moradia, esta que tem mostrado que se o programa é levado a sério, os resultados vêm de imediato. Temos uma grande concentração de ricos à custa de dinheiro público, ora na forma de desvios, rombos, ora com subsídios generosos, ora com golpes de colarinho branco. Faltam probidade e moralidade.

MAIS E MELHORES INVESTIMENTOS

Sesi vai destinar mais de R\$ 16,5 milhões para obras de reforma, ampliação e modernização de suas unidades em todo o Estado

Edilaine Pazini

Em meio a grande demanda de trabalhadores da indústria por serviços de educação, esporte e lazer, o Serviço Social da Indústria em Goiás (Sesi Goiás) deve investir este ano mais de R\$ 16,5 milhões em obras de reforma e ampliação para melhorar o atendimento. Ao todo, 13 unidades da instituição espalhadas pelo Estado serão beneficiadas com os recursos, que contemplam ainda a aquisição de equipamentos para o recém construído Centro Cultural Paulo Afonso Ferreira (Teatro do Sesi), em Goiânia. O investimento será oriundo do Departamento Nacional do Sesi, juntamente com recursos próprios do Departamento Regional. O obje-

tivo é potencializar a prestação de serviços ao trabalhador da indústria goiana, com espaços físicos maiores, modernos e de alta qualidade. Um dos maiores projetos está previsto para o Sesi Clube Antônio Ferreira Pacheco, em Goiânia. Neste ano, serão destinados mais de R\$ 7 milhões para obras de reformas no local. Além de atender melhor à demanda dos trabalhadores das indústrias parceiras, o clube se prepara para receber os Jogos Nacionais em 2012. O gerente da unidade, Richardson Marques Ferreira, acredita que as melhorias devem colaborar para o aumento de fluxo de público, que atualmente atinge cerca de 30 mil visitantes por mês, entre alunos, atletas e usuários das áreas de lazer.

A MODERNIZAÇÃO DO FERREIRA PACHECO

O projeto para a reforma do Sesi Clube Antônio Ferreira Pacheco – que está em fase de aprovação do Departamento Nacional – prevê para as instalações esportivas novas coberturas, substituição de pisos, ampliação de arquibancadas, instalação de iluminação, sonorização e painel eletrônico, repaginação e construção de sanitários e vestiários, além da construção de uma nova quadra de areia, entre outros. A quadra de tênis, por exemplo, deve ganhar novo piso, mais adequado para a atividade e com as respectivas marcações.

A novidade deixa a tenista Eunice Moreira Soares, de 55 anos, bastante animada, diante



Alunas do Sesi Jundiá: mais espaço para salas de aula, num investimento de R\$ 2 milhões na unidade de Anápolis

da perspectiva de ganhar mais esse local para treinar o esporte, que já pratica há 20 anos. Ela é gerente industrial da Halex Istar Indústria Farmacêutica, empresa em que trabalha há 30 anos. Eunice soube no ano passado que o Sesi oferece quadras para treino e realiza campeonatos entre trabalhadores da indústria, por meio de colegas de trabalho que já frequentavam o Clube Ferreira Pacheco.

A gerente decidiu se inscrever na etapa regional dos Jogos do Sesi 2010. Campeã, ela conquistou também o primeiro lugar das fases estadual e nacional, o que garantiu sua classificação para o Mundial de Tênis do Sesi, que será disputado no final de maio. Eunice considera importante poder treinar no clube, para obter experiência com adversários diferentes, e está ansiosa com o início da reforma destinada a tornar o piso da quadra atual e a iluminação adequados para realizar a atividade profissionalmente. Ela afirma que o tênis colabora para seu condicionamento físico e bem-estar, além de trazer medalhas. “Se não fosse o esporte, eu não estaria trabalhando até hoje”, ressalta.



“Se não fosse o esporte, eu não estaria trabalhando até hoje”

Eunice Moreira Soares, gerente industrial da Halex Istar Indústria Farmacêutica e tenista

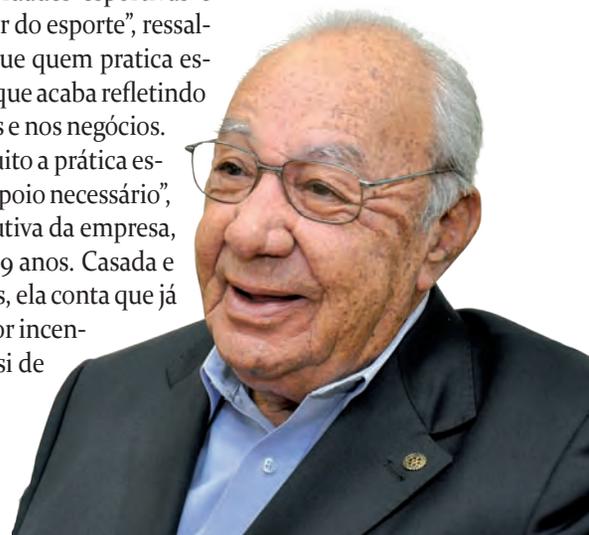
EMPRESÁRIOS APLAUDEM REFORMA

Com vasta experiência no setor industrial goiano, Heno Jácomo Perillo, conselheiro e sócio proprietário da Halex Istar, aplaude o anúncio de melhorias no Sesi Clube Antônio Ferreira Pacheco, onde sua empresa sempre realizou comemorações e disputas esportivas em diversas modalidades. Ele lembra ser do “tempo de José Aquino Porto”, que presidiu a Federação das Indústrias de Goiás (Fieg) entre 1967 e 2000. “Fui várias vezes vice-presidente da Fieg, presidente do Sindicato das Indústrias Químicas e Farmacêuticas do Estado de Goiás por 12 anos e conheço bem a diretoria do Sesi”, acrescenta. Perillo observa que o esporte é a maneira mais fácil da aproximação e do entrosamento de todo pessoal, em qualquer nível. Ele afirma que sua indústria sempre valorizou muito o esporte e parabeniza a Fieg por propor essa melhoria para o clube. “Vamos ser altamente beneficia-

dos com isso”, diz.

A revitalização do Sesi Clube Ferreira Pacheco também anima o CEO da Halex Istar, Zanone Alves de Carvalho Júnior, que se recorda de ter visto o pai – Zanone Alves de Carvalho, também sócio proprietário da Halex Istar –, jogar futebol no local quando ainda era garoto. “Ele sempre participou de atividades esportivas e foi sempre um incentivador do esporte”, ressalta. Zanone Júnior afirma que quem pratica esporte tem mais disciplina, que acaba refletindo nas atividades profissionais e nos negócios. “A Halex Istar incentiva muito a prática esportiva e nos oferece todo apoio necessário”, confirma a secretária executiva da empresa, Joelma Noleto Santos, de 39 anos. Casada e mãe de uma filha de 12 anos, ela conta que já pratica vôlei desde 2005, por incentivo de um professor do Sesi de

*Heno Jácomo Perillo:
Halex Istar sempre
valorizou práticas
esportivas*



ginástica laboral, que sugeriu que fosse montado um time na empresa para disputar os Jogos. Desde então, foi iniciada mais essa parceria com o Sesi, para que os treinos fossem realizados no Clube Ferreira Pacheco. Segundo ela, como atleta, é uma oportunidade única o que a Halex Istar oferece e como coordenadora da modalidade, uma parceria (Halex Istar x Sesi) que tem dado certo, haja vista os resultados que a equipe de voleibol feminino tem conseguido (pentacampeã estadual e regional e vice-campeã nacional).

Joelma acrescenta ainda que o melhor preparo físico faz com que seu rendimento aumente no trabalho e também na vida pessoal. “Hoje sou mais ativa em tudo”, diz. Sobre o espaço físico do Sesi onde treina, a secretária afirma que atualmente o espaço é bom mas com as reformas atenderá melhor à demanda. Joelma acredita que, com as novas instalações, o time vai ter mais condições de preparação para disputar os campeonatos nacionais.



“Agora hoje sou mais ativa em tudo”

Joelma Noleto Santos, secretária executiva da Halex Istar, sobre a prática esportiva feita no Sesi Clube Ferreira Pacheco

SESI JUNDIAÍ VAI DOBRAR CAPACIDADE ESCOLAR

Outra unidade que irá receber um investimento significativo neste ano é o Sesi Jundiaí, em Anápolis. No total, serão mais de R\$ 2 milhões em recursos, que já estão sendo investidos na ampliação da planta escolar e, posteriormente, será realizada uma reforma em todo o espaço físico existente. Com a nova obra, a unidade vai dobrar sua capacidade escolar, que hoje atende cerca de 1.300 estudantes por ano. As salas de aula vão passar de 11 para 20 alunos. A área da medicina ocupacional, odontologia, audiometria e outras salas de exames ocupacionais serão reformadas.

A escola de cabeleireiros também será reformada e vai ganhar novos equipamentos. O Sesi Jundiaí é a única unidade que continua com essa modalidade e as aulas já são famosas por todo o País, recebendo pessoas até de outros Estados para se profissionalizar em Anápolis. É o caso de Edson Aires, de 43 anos, que saiu de Palmas, no Tocantins, para fazer o curso de cabeleireiro no Sesi Jundiaí. Ele ficou sabendo das aulas por meio de um amigo, que também fez o curso.

Aires trabalhou como eletricitista durante 20 anos e resolveu mudar de profissão para conseguir melhor remuneração. “Moda é uma área que está crescendo bastante no Brasil. O País está entrando em um novo nível social e precisamos acompanhar”, afirma. Ele vai concluir o curso no final do semestre e volta para sua terra, onde pretende trabalhar como cabeleireiro. Já Luzinete Rosa de Souza trabalha na profissão há três anos. Ela conta que começou atendendo amigas e familiares em casa. Optou pelo curso do Sesi para se aperfeiçoar. Casada e mãe de três filhos, Luzinete acrescenta que, com a profissão, colabora com o marido, que é trabalhador da indústria, a realizar as despesas domésticas. Instrutora do Sesi há 20 anos, Selma Ricardo de Oliveira, que também é vice-presidente do Sindicato dos Proprietários de Barbearias, Institu-

tos de Beleza e Afins do Estado de Goiás (Sindibezeza-GO), conta que o curso disponibiliza 25 vagas por semestre, mas são muito concorridas. “Para não ter algum tipo de seleção que desagrade os candidatos, nós abrimos as inscrições e assim que são preenchidas as vagas, fecham-se as inscrições”, diz. O curso é completo e oferece corte, química e penteado.

O Grupo Gravia, que mantém parceria com o Sesi há oito anos na área de odontologia, também vê com bons olhos as melhorias anunciadas pela instituição. “Só trará benefícios, tanto para o usuário quanto para as empresas envolvidas com o Sesi”, afirma o diretor comercial, José Gravia Filho.

Investimentos previstos para unidades do Sesi Goiás>>

Sesi Jaiara	R\$ 636,6 mil
CAT Goiânia	R\$ 613,3 mil
Sesi Campinas	R\$ 341 mil
Sesi Jundiá	R\$ 2,026 milhões
Sesi Jardim Planalto	R\$ 551,8 mil
Sesi Vila Canaã	R\$ 233,8 mil
Clube Sesi Antônio Ferreira Pacheco	R\$ 7,1 milhões
Centro Cultural Paulo Afonso Ferreira (Teatro do Sesi)	R\$ 732,4 mil
Sesi Aruanã	R\$ 500 mil
Sesi Catalão	R\$ 887,2 mil
Sesi Aparecida de Goiânia	R\$ 1,131 milhão
Sesi Itumbiara	R\$ 44,3 mil
Sesi Rio Verde	R\$ 372,6 mil
Sesi Niquelândia	R\$ 8 mil
Projeto de Otimização dos Espaços de Lazer em todas as unidades	R\$ 1,3 milhão

ANÁLISE DE ATRATIVIDADE E ELABORAÇÃO DE PROJETOS DE CRÉDITO DE CARBONO

Ligue e Consulte



DESCONTO ESPECIAL

SÃO PAULO/SP

10/08/2011 E 11/08/2011

BELO HORIZONTE/MG

13/05/2011 E 14/05/2011

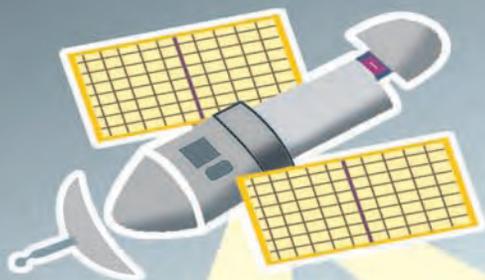
PORTO ALEGRE/RS

17/06/2011 E 18/06/2011

CMA *Educacional*

EDUCACIONAL@CMA.COM.BR ■ WWW.CMAEDUCACIONAL.COM.BR

(11) 3053-2700



EDUCAÇÃO SEM FRONTEIRAS

Modelo de ensino que amplia o acesso à qualificação, a educação a distância (EaD) conquista cada vez mais espaço nas ações de formação profissional

Andelaide Lima

Os quase 3 mil quilômetros que separam Rio Branco (AC) de Goiânia não foram empecilhos para que Tiago Nascimento da Costa buscase, de longe, aprimorar seus conhecimentos. Professor de História no ensino fundamental e médio do Sesi Acre, ele fez cursos de informática, sociologia, filosofia e de geo-história, mi-

nistrados por Sesi e Senai Goiás via Educação a Distância (EaD). “A princípio fiquei com receio de não dar certo porque não estava muito familiarizado com a ferramenta de ensino. Hoje, por experiência própria, sei que a EaD rompe barreiras e traz novas oportunidades de aprendizado. Os cursos são focados na formação continuada, com conteúdos adequados para cada área de atuação”, diz.

Em Brasília, Diego Bispo, proprietário de uma escola de informática e funcionário em uma empresa de desenvolvimento de sites e softwares, encontrou tempo para concluir, em março, o curso técnico em programação de computadores, ministrado pela Faculdade de Tecnologia Senai de Desenvolvimento Gerencial (Fatesg), de Goiânia. “Estudar via internet é uma ótima alternativa para quem não tem tempo para seguir horários de cursos tradicionais. A programação se ajustou à minha vida corrida. Apesar de trabalhar há dez anos com informática, foi o curso que me deixou mais preparado para o mercado. Além disso, aumentei minha rede de amigos e contatos para trabalho, e novos horizontes para o estudo”, contabiliza.



MATRÍCULAS QUASE DOBRAM EM 2010

Várias vantagens fazem o ensino virtual ganhar cada vez mais espaço na agenda de profissionais e de empresas. A modalidade já responde por quase metade das matrículas no Sesi e Senai. No ano passado, mais de 42 mil pessoas buscaram essa alternativa, um crescimento de 57,6% em relação a 2009.

Funcionária pública em Minaçu, na Região Norte de Goiás, Fernanda Soares de Oliveira fez nada menos que 12 cursos por EaD. Empolgada com a flexibilidade de horários, ela conta que as atividades realizadas ajudaram a incrementar seu currículo. “Mesmo morando em uma cidade pequena pude ter acesso a conhecimentos específicos, que são fundamentais para meu desenvolvimento profissional”, destaca.

Antônio Feliciano da Silva trabalha no almoxarifado de uma empresa que presta serviços para a Celg Distribuição S.A, em Anápolis, mas planeja atuar na área de campo da empreiteira. Sem tempo para se dedicar a um curso convencional, ele optou pela educação a distância e, desde abril, integra a primeira turma da qualificação de eletricitista instalador predial, ministrada gratuitamente pela Faculdade de Tecnologia Senai Roberto Mange, de Anápolis. “Mesmo com as aulas presenciais aos sábados é necessário ter muita disciplina para estudar em casa, mas o esforço recompensa. Quero aprender mais sobre alta e baixa tensão elétrica porque quero crescer na empresa.”

Também aluno do curso de eletricitista instalador predial, Fábio Bernardes é técnico em eletrônica e buscou na qualificação uma maneira de atualizar seus conhecimentos. Dono de uma loja de assistência técnica em Anápolis, ele diz que o certificado do Senai abre portas porque é referência de qualidade. “Nunca tinha estudado em ambiente virtual. A nova ferramenta ampliou minha visão, facilitou o aprendizado e renovou a vontade que tinha de investir mais na minha profissão. Pretendo fazer novos cursos do Senai pela internet”, planeja.



Fábria Soares Cunha Santana, da Sama: principal vantagem da EaD é a flexibilidade

EMPRESAS INVESTEM EM EAD

A possibilidade de formar mais pessoas, em um espaço de tempo cada vez menor, em localidades distantes e com custos reduzidos, atrai grande número de empresas a investir no modelo de ensino on-line. Parceira do Senai há mais de 23 anos em diversas atividades de qualificação de mão de obra, a Sama Mineração de Amianto, localizada no município de Minaçu, é um bom exemplo de aplicação dessa nova forma de treinamento. A mineradora oferece aos seus colaboradores e familiares vários cursos de aperfeiçoamento profissional realizados via educação a distância.

Para a coordenadora de Planejamento de Recursos Humanos da Sama, Fábria Soares Cunha Santana, a principal vantagem da EaD é a flexibilidade. “Grande parte do nosso quadro de pessoal trabalha em turno de revezamento, dificultando a participação em cursos presenciais. Com o ensino a distância, o funcionário pode estudar em casa e escolher os melhores horários para se aperfeiçoar e buscar o desenvolvimento pessoal e profissional. A empresa passa a contar com uma mão de obra cada vez mais qualificada e motivada.”



AGILIDADE, DINAMISMO E CONFORTO

Há quase um ano, o Senai Goiás mantém parceria com a Telemont – Engenharia de Telecomunicações S/A, empresa com sede em Belo Horizonte (MG), para treinamento de pessoal em NR 10 – norma regulamentadora que trata sobre a segurança em instalações e serviços em eletricidade. Até o momento, quase 150 funcionários participaram das atividades realizadas via educação a distância.

“Empresa e trabalhadores têm vários benefícios com os cursos de EaD. Não dá para levar todos os dias os colaboradores para algum local e ter a estrutura para as aulas à disposi-

ção. A retenção do aprendizado também melhora, pois o empregado se concentra melhor quando não tem de ficar por até cinco dias em treinamento. A atividade também é dinâmica, os participantes testam e treinam inúmeras ferramentas de interação, no conforto da sua base de trabalho, bastando apenas um computador com conexão de internet. Além disso, a não exigência de formação de turmas com um número mínimo de participantes agiliza o processo de ensino-aprendizagem”, explica a gerente Corporativa da Telemont, Luciana Macedo Silva.

NOVA UNIDADE POTENCIALIZA ATUAÇÃO

Estruturado em julho, o Núcleo Integrado de Educação a Distância Sesi e Senai Goiás (NIEaD) tem por finalidade coordenar e supervisionar as ações de educação a distância, desenvolvidas nas modalidades de habilitação técnica, educação continuada, qualificação, aperfeiçoamento e iniciação profissional. Atualmente, a unidade oferece 81 cursos, distribuídos nas áreas de gestão, tecnologia da informação, alimentos e bebidas, eletroeletrônica, logística, meio ambiente, além de cursos institucionais e para o ensino médio.

Em 2010, mais de 42 mil pessoas se matricularam nos cursos de EaD. Este ano, somente em abril, 2.150 alunos foram matriculados em 43 turmas. Os cursos de EaD são disponibilizados no ambiente virtual Sesi Educa – plataforma Web Ensino, criada pelo Sesi Nacional. Os alunos têm acesso a aulas, jogos, exercícios e ferramentas de interação com o tutorial e com os demais colegas dos cursos.

“Além do curso on-line, os alunos também podem ter acesso ao conteúdo off-line, por meio de um programa disponibilizado na biblioteca virtual. Para apoio ao aluno, os cursos contam com monitoria e tutoria em tempo integral. O monitor é o responsável, dentre outros aspectos, por acompanhamento dos alunos, verifica-

ção de problemas administrativos e de uso da tecnologia, facilitador do contato dos alunos com os professores/tutores e a equipe técnica a distância. Por sua vez, os tutores são os professores que trabalham a distância, fazendo o acompanhamento e tirando dúvidas a respeito dos cursos”, explica a coordenadora do NIEaD, Ariana Ramos Massensini.

**“Somente em abril,
2.150 alunos foram
matriculados em 43 turmas”**

Ariana Ramos Massensini, coordenadora do NIEaD



PARA FAZER A DIFERENÇA

Laboratórios de ensaio e calibração buscam Rede Metrológica de Goiás para assegurar reconhecimento à excelência de seus serviços e buscar acreditação do Inmetro



Célia Oliveira

Apresentar diferenciais para sobreviver ou crescer de forma sustentável e conquistar clientes em um ritmo permanente são regras para as organizações neste ambiente em que a competitividade é marcante e exige esforços. O atendimento a certas especificações constantes em normas da qualidade pode ser um desses diferenciais. Quando se fala em metrologia, então, o conceito qualidade, mais que importante, é indispensável. Isso porque a cultura metrológica, quando disseminada e absorvida, sobretudo, pelos laboratórios de ensaio e calibração, promove o desenvolvimento da qualidade e da prestação de serviços comprometidos com seu rigor. Segundo a gerente da Rede Metrológica Goiás (RMG), Patrícia Calderan, o processo de qualidade que circunda os laboratórios envolve primeiro a associação a uma Rede, depois o reconhecimento junto à RMG (ISO/IEC 17.025) e, por último, a acreditação junto ao Inmetro. “Dado o primeiro passo, o laboratório tem benefícios e o dever de, dentro de 12 meses, buscar o reconhecimento. O estabelecimento se compromete em desenvolver qualidade”, destaca Patrícia. Ela lembra que, para isso, a avaliação é rigorosa, pois a Rede atestará a competência técnica deste laboratório perante o setor produtivo e o mercado consumidor.

DA DIFICULDADE À SATISFAÇÃO

Foi assim que o Hidroserv, empresa com 14 anos de mercado, encarou o reconhecimento pela Rede Metrológica Goiás depois de se associar visando melhor qualificação e segurança nos laudos emitidos. “O mais difícil foi preparar o laboratório para atender e aplicar os requisitos exigidos pela norma, porém, o processo mudou o trabalho cotidiano e a organização administrativa”, conta o farmacêutico e responsável técnico do laboratório, Sáudio Peixoto.

Ao definir o conceito de qualidade como excelência no atendimento ao cliente e confiabilidade nos resultados para melhor satisfação de todos os envolvidos, Peixoto revela que, antes

do reconhecimento pela Rede, o nível de conformidade do laboratório não era medido, mas, com o processo de implantação da norma finalizado, passou a ser em torno de 80% de satisfação, comemora.

O pulo da equipe do Hidroserv resulta em planos para o futuro, pois, quando decidiu investir no processo de reconhecimento junto à Rede almejava melhor relacionamento com a clientela diante das expectativas da mesma e, também, comprometimento com os princípios éticos. Para tanto, adianta Peixoto, a empresa pretende empregar horas em cursos técnicos e aumentar o escopo de atuação para garantir maior segurança nos serviços prestados em todo o Estado e em outros vizinhos.

Mudanças de cenário também foram vividas pelo Microlab, laboratório de análises microbiológicas e ambientais, fundado em 2003. Antes da associação à RMG, explica a diretora técnica, Káritas Bicalho de Freitas, os colaboradores trabalhavam visando a qualidade dos resultados analíticos, mas não tinham noção do que era qualidade garantida por um sistema de gestão, o que dificultava a otimização dos trabalhos e a melhoria contínua.

“A rede nos guiou durante os primeiros passos em busca da qualidade metrológica e, posteriormente, nos proporcionou o reconhecimento em conformidade com a ISO 17.025. Desde então, nosso crescimento no mercado é eminente.”



“A Rede é importante, através dela é possível agregar e organizar os laboratórios para uma maior qualificação dos mesmos”

Sáudio Peixoto, Hidroserv

INVESTIMENTO PARA A EXCELÊNCIA

Outro associado à RMG, o laboratório Aqualit resolveu investir no processo de reconhecimento pela necessidade de melhoria contínua dos processos, segundo a gerente da qualidade, Thaíssa Machado Elias. Em sua avaliação, as dificuldades não foram grandes. “Quando começamos a implementação para o reconhecimento, foi estabelecido um cronograma que acabou por se concluir antecipadamente.” Para Thaíssa, o obstáculo vem de fora – “encontrar fornecedores de calibração de equipamentos com competência e acreditados pelo Inmetro”. O laboratório goiano, atuante em análises físico-químicas e microbiológicas de água e efluentes, de cosméticos e alimentos, atendendo laticínios, frigoríficos, indústrias de processamento de alimentos, indústrias farmacêuticas, entre outras, se associou à Rede com vistas a implementar a NBR ISO/IEC 17.025. “A associação nos trouxe benefícios que afetaram positivamente nossa gestão, principalmente, a sistematização e o registro dos processos cotidianos”, destaca Thaíssa. Sobre o nível de conformidade do laboratório antes do reconhecimento, ela diz que era bom, não havendo, apenas, a documentação para atender aos clientes que solicitavam cópias dos certificados de calibração, resultados de programas interlaboratoriais, dentre outros. “Com a sistematização dos processos e os ciclos de auditoria interna e externa, o nível de conformidade tem se elevado a cada dia.”

A unidade, que busca agora a acreditação junto ao Inmetro, está ampliando a área laboratorial para mais de 500m² de espaço construído e aquisição de novos equipamentos.

Laboratórios reconhecidos pela Rede Metrológica Goiás>>

Conágua Ambiental
Hidroserv
Aqualit
Mineração Serra Grande
Microlab
Competec Metrologia
Sabin Biotec

Contatos com a Rede
www.ielgo.com.br
(62) 3219-1441



“A Rede democratizou a informação metrológica, deixando-a disponível a todos os laboratórios interessados em implementar um Sistema de Gestão da Qualidade”

Thaíssa Machado Elias, Aqualit

RECONHECIMENTO DE UM LABORATÓRIO

É o reconhecimento formal da competência técnica que um laboratório possui para realizar ensaios ou calibrações, tendo seu Sistema de Gestão da Qualidade estruturado de acordo com os requisitos na norma NBR ISO/IEC 17.025.

O termo é definido como o reconhecimento formal do laboratório público ou privado que se submeteu ao processo de implantação da norma com assistência da Rede Metrológica, provando sua competência técnica para realizar análises, calibrações, ensaios, por método oficial, emitindo laudos e certificados.

Para obter o reconhecimento, o laboratório deve se associar à Rede Metrológica. Em Goiás, ela foi consolidada para disseminar a cultura metrológica, para auxiliar na adequação aos requisitos da norma. Integra as comunidades da indústria, da ciência e da tecnologia na área de metrologia, atuando como órgão de avaliação e reconhecimento de competências para prestação de serviços qualificados de calibração e ensaios.

REMÉDIO ATÉ CONTRA O CÂMBIO

Com orçamento de R\$ 324,2 mil, o núcleo espera sensibilizar 50 micro e pequenas indústrias em seu primeiro ano, capacitando pelo menos 40 na área de gestão da inovação

A inovação será a grande arma para tornar as indústrias goianas mais competitivas na economia global e, de quebra, driblar problemas conjunturais causados pela persistente valorização do real diante do dólar, avaliou o presidente da Federação das Indústrias do Estado de Goiás (Fieg), Pedro Alves de Oliveira. Para estimular a consolidação de uma cultura inovadora nas empresas, a instituição firmou, na última sexta-feira de abril, em cerimônia realizada na Casa da Indústria, o termo de criação do Núcleo de Inovação de Goiás (NIG), que terá pela frente o desafio de sensibilizar, mobilizar e capacitar micro e pequenas indústrias do Estado na área de gestão da inovação.

Para atingir resultados e ter sucesso em sua trajetória, empresas de qualquer porte terão necessariamente de assumir sua cota de riscos, que são especialmente mais elevados quando se trata de investimentos em pesquisa e desenvolvimento (P&D) com foco na criação de produtos, processos e tecnologias inovadoras, observou Alexandre Costa, vice-presidente do



Pedro Alves: presidente da Fieg assina termo de criação do Núcleo de Inovação de Goiás

Conselho Temático de Desenvolvimento Tecnológico da Fieg. Pedro Alves e Alexandre Costa participaram da solenidade de lançamento do NIG, que será um dentre os 35 núcleos que a Confederação Nacional da Indústria (CNI), em parceria com o Sebrae, planeja instalar no País, envolvendo ainda a participação das federações estaduais do setor industrial.

Esse trabalho, por sua vez, faz parte de um movimento mais amplo, lançado em 2009 pela CNI – a Mobilização Empresarial pela Inovação (MEI), que tem como objetivo imediato “sensibilizar as empresas e sua alta direção para o desafio de inovar e realizar atividades de P&D”, conforme estabelece o documento de lançamento da iniciativa, ressaltando que “o futuro da indústria depende dessa iniciativa”. A CNI pretende que o setor privado assuma um papel de protagonista na área da inovação, incluindo o tema de forma permanente na agenda das empresas e das políticas públicas desenvolvidas para o setor.



Alexandre Costa: para ter sucesso, toda empresa terá que assumir sua cota de riscos

EFICIÊNCIA, COM MAIS EMPREGO E RENDA

Em seu primeiro ano de operação, que deverá ser efetivamente iniciada até o final de maio, de acordo com o gestor do NIG, Nelson Aníbal Lesme Orué, assessor técnico da Fieg, o núcleo terá R\$ 324,2 mil para investir em ações de sensibilização, mobilização e capacitação, numa ofensiva que incluirá ainda a prestação de serviços de consultoria e assessoria. Inicialmente, a meta será estimular 50 micro e pequenas indústrias, das quais se espera que pelo menos 40 sejam capacitadas.

Desse total, em torno de 25 poderão elaborar planos de gestão da inovação, sob orientação do NIG e 20 delas deverão implantar esses planos. “A expectativa é de que pelo menos 15 possam montar projetos de inovação que permitam captar recursos de editais da Finep (Financiadora de Estudos e Projetos), do CNPq (Conselho Nacional de Desenvolvimento Científico e Tecnológico) e da Fapeg (Fundação de Amparo à Pesquisa do Estado de Goiás)”, antecipou Aníbal. O núcleo vai bancar em torno de 70% dos custos de consultoria nesse processo, de forma a atrair empresas interessadas.

O presidente da Fieg ressaltou a importância da criação do núcleo goiano, lembrando que a inovação não envolve apenas investimentos em



Nelson Aníbal: a expectativa é de que pelo menos 15 empresas consigam montar projetos para captar recursos em editais de inovação

máquinas e equipamentos, mas exige mudanças de fundo na própria gestão da empresa e na maneira como ela encara o mercado, seus clientes e a concorrência. Aníbal acrescentou que a inovação dará a base para futuros ganhos de produtividade e de eficiência, agregando maior capacidade competitiva às indústrias e ampliando, portanto, as possibilidades de alcançar melhores resultados, gerar empregos e mais renda, com ganhos em cadeia para toda a economia.

METAS PARA 2010 A 2013

O plano de ação desenvolvido pela CNI para o período de 2010 a 2013 prevê a implantação de 35 núcleos de inovação, dos quais 17 já instalados, e a sensibilização de 30 mil micro e pequenas indústrias em todo o País. As metas de trabalho definidas para o período prevêem a capacitação de 15 mil empresas, dentre as quais pelo menos 5 mil tenderão a desenvolver planos de gestão da inovação e 4 mil delas deverão efetivamente implantar esses planos. No final do processo, ao menos 2,4 mil indústrias de micro e pequeno porte chegarão a desenvolver projetos para disputar recursos dos órgãos e institutos de fomento à pesquisa tecnológica e à inovação.

UM PRÊMIO A EMPRESAS INOVADORAS

A Confederação Nacional da Indústria (CNI) espera divulgar no próximo dia 2 de agosto os vencedores da edição de 2011 do Prêmio Nacional de Inovação, antigo Prêmio CNI. Competidores de todo o País puderam se inscrever entre os dias 14 de abril e 13 de maio e terão suas propostas avaliadas até 20 de julho. De acordo com a CNI, o prêmio confere “justo reconhecimento às empresas industriais que contribuem para o aumento da competitividade e o desenvolvimento sustentável do setor no País”. Aberto a todas as indústrias associadas às federações estaduais, o prêmio contempla quatro categorias: gestão da inovação, competitividade, design e desenvolvimento sustentável.



“Devemos estar atentos para não nos acomodarmos ante uma situação confortável de progresso sem precedentes”

Justo Oliveira d'Abreu Cordeiro, Presidente do Sindicato da Indústria da Construção no Estado de Goiás (Sinduscon-GO)

O QUE NÃO FALTA É ESPAÇO PARA CRESCER

Nos anos mais recentes, a indústria da construção tem avançado a um ritmo vertiginoso para atender a uma demanda reprimida de moradias por milhares de famílias. Com recursos financeiros disponíveis e as facilidades embutidas nos programas habitacionais do governo – a exemplo do Minha Casa, Minha Vida no PAC –, houve um grande impulso à atividade. E novo avanço vai acontecer, fomentado principalmente pelos eventos esportivos globais que serão sediados em nosso País em 2014 e em 2016.

Na última década toda a cadeia produtiva da construção imobiliária vem sentindo os impactos de seu desenvolvimento. Verificou-se, em 2010, expansão superior a 10% sobre o ano anterior, com crescimento substancial da presença da cadeia da construção na composição da riqueza nacional: conforme o IBGE, o Produto Interno Bruto setorial correspondeu a 11% do PIB brasileiro. A importância do setor para a economia de nosso País pode ser aferida pelos mais de 10 milhões de postos de trabalho gerados pelo segmento (contabilizando empregos formais e informais) e o volume de investimentos, da ordem de R\$ 250 bilhões, movimentados ao longo do exercício passado.

A atividade da construção é impactante por sua própria natureza. Além da geração de centenas de milhares de empregos e renda, há a soma fabulosa de tributos recolhidos ao Estado, os quais voltam em benefício de melhorias à sociedade. Um verdadeiro círculo virtuoso, que agrega as obras em si, a indústria e o comércio de materiais de construção e de acabamento, a comercialização de



imóveis, movimentando serviços, fornecedores de insumos e bens, como máquinas e equipamentos para a construção.

Mas devemos estar atentos para não nos acomodarmos ante uma situação confortável de progresso sem precedentes em nossa história recente. Pois proporcionais à importância da cadeia produtiva da construção são os desafios que devem ser acolhidos e enfrentados para que o setor produtivo continue crescendo como hoje.

As expectativas são positivas e os próximos passos têm que ser dados, com firmeza e com muita determinação. Nossa entidade sindical defende o desenvolvimento do setor com base nos pilares da qualidade, da qualificação profissional – por meio de parceria com o Sesi/Senai para todos os níveis, inclusive com a formação de mais engenheiros –, da formalidade dos negócios e respeito ao meio ambiente, a fim de que possamos, de fato, praticar uma engenharia moderna e limpa, conforme os conceitos atuais de sustentabilidade e preconizados pela Câmara Brasileira da Indústria da Construção (CBIC), entidade maior de nossa categoria e que congrega os Sinduscons de todos os Estados, além da CNI e da Fieg.



Nova etapa: CNI, Fieg, Sebrae e sindicatos formalizam lançamento da segunda fase do Procompi no Estado

A VEZ DAS PEQUENAS EMPRESAS

Nova fase do programa deverá contemplar a qualificação de pelo menos 125 indústrias dos setores de móveis, artefatos de cimento, calçados, rochas e panificação

Os sindicatos das indústrias de móveis, produtos de cimento, calçados, rochas ornamentais e panificação preparam-se para atrair micro e pequenas empresas interessadas em aderir a uma verdadeira maratona para aumentar a competitividade sistêmica de sua operação, num mercado em que a sobrevivência desse tipo de negócio tem sido colocada à prova dia a dia. Em princípio, está sendo aguardada participação de 125 empresas daqueles setores, número que poderá ser ampliado na medida em que os sindicatos avançarem em seus planos de mobilização.

A nova etapa do Programa de Apoio à Competitividade das Micro e Pequenas Indústrias (Procompi), lançada ainda na primeira semana de abril, terá disponíveis perto de R\$ 1,4 milhão, segundo convênios firmados entre a Fieg, o Sebrae Goiás e os cinco sindicatos. Os recursos deverão financiar a formação de núcleos se-

toriais que, por sua vez, terão a missão de estimular a cooperação entre as empresas daqueles setores e abrir o caminho para a construção de arranjos produtivos locais (APLs), em resposta às demandas e necessidades comuns a cada segmento, sempre com foco no incremento da competitividade.

A expectativa é que, em conjunto, as empresas consigam encontrar respostas mais rápidas para enfrentar gargalos nas áreas de gestão empresarial, modernizando sua operação e reduzindo custos, ao recorrer, por exemplo, a um sistema único de compras para cada setor específico, o que reforçaria sua capacidade de competição. Além disso, entre outros resultados esperados, o Procompi deverá estimular inovações em processos, produtos e design, bem como incentivar boas práticas sociais e ambientais, com uso de tecnologias limpas, em outro exemplo.

SINDIPÃO ESPERA MODERNIZAR SETOR

Os sindicatos que conseguiram enquadrar seus projetos no Procompi tratam agora de reunir as empresas que participarão do projeto. Cada um deles terá de formar grupos de pelos menos 25 empresas, mas o presidente do Sindicato das Indústrias de Panificação e Confeitaria no Estado de Goiás (Sindipão), Luiz Gonzaga de Almeida, espera atrair meia centena de indústrias do setor. “Essa pelo menos é a nossa meta. Pode ser que fechemos com 35 empresas, o que já seria positivo.”

O setor reúne aproximadamente 2,1 mil indústrias em todo o Estado, 650 das quais instaladas em Goiânia, de acordo com Almeida. Considerando-se uma média de oito empregados por empresa, numa estimativa do presidente do Sindipão, o setor ocuparia em torno de 16,8 mil pessoas. O projeto do sindicato, num total de R\$ 353 mil, prevê a capacitação e a implantação de excelência empresarial no segmento da panificação em Goiânia, com a realização de oficinas teóricas e práticas, consultorias, desenvolvimento de programas de eficiência produtiva e promoção de eventos gastronômicos.

“A intenção é modernizar e qualificar as panificadoras, identificar e enfrentar as principais deficiências de cada uma delas, padronizando



Luiz Gonzaga de Almeida: modernizar e qualificar panificadora, saneando suas principais deficiências

processos desde a área de produção até a exposição dos produtos para venda ao consumidor final”, comenta Almeida. A padronização permitirá que o empresário consiga visualizar seu negócio mais nitidamente, abrindo caminho para a racionalização e redução de custos e para a correta aferição das margens de rentabilidade e do retorno efetivo da operação.

DESENVOLVIMENTO SUSTENTÁVEL

O programa de apoio à competitividade das micro e pequenas indústrias é o resultado de uma parceria estabelecida em 1998 entre a Confederação Nacional da Indústria (CNI) e o Serviço Brasileiro de Apoio às Micro e Pequenas Empresas (Sebrae Nacional), que financiam os projetos aprovados por um comitê nacional formado por representantes das duas entidades. Esses projetos são executados pelas federações estaduais da indústria e têm como objetivo fortalecer empresas industriais de menor porte no contexto de seu território e do setor produtivo, apoiando ações coletivas e maior integração com outras instituições, induzindo esse segmento da indústria ao desenvolvimento sustentável.

“O programa causou uma reformulação violenta dentro das empresas, mesmo naquelas que não conseguiram alcançar a certificação ao final do processo”

Marley da Rocha, primeiro secretário da Fieg

VANTAGENS PARA QUEM JÁ PARTICIPOU

O Sindicato da Indústria de Produtos de Cimento de Estado de Goiás (Sinprocimento), segundo seu presidente, Luiz Ledra, proprietário da Lajes Anapolina, teve aprovado o Programa Goiano de Aceleração do Setor de Pré-Moldados de Concreto, que tem como meta qualificar o mínimo de 25 empresas nos próximos 14 meses. “Esse trabalho envolverá toda a área de gestão das empresas, com capacitação do pessoal de vendas, realinhamento de custos, prevenção de acidentes e toda uma série de requisitos de forma a preparar as indústrias para a certificação por organismos credenciados, se for o caso”, descreve Ledra.

Há mais de três décadas no mercado, a Lajes Anapolina foi uma das 21 empresas que participaram, entre 2008 e 2009, do Programa Goiano de Qualidade de Lajes Pré-Fabricadas (PGQL), montado pelo Sinprocimento e executado com recursos do Procompi. “O programa causou uma reformulação violenta dentro das empresas, mesmo naquelas que não conseguiram alcançar a certificação ao final do processo”, afirma o atual presidente do Sinprocimento, que à época era presidido pelo empresário Marley da Rocha, hoje primeiro secretário da Fieg e vice-presidente do sindicato.

A Lajes Anapolina ampliou sua produção de 5 mil metros quadrados de lajes treliçadas e convencionais por mês, em 2008, para 8 mil m², mantendo praticamente o mesmo parque industrial. “Foram investidos apenas R\$ 21 mil na compra de novas formas”, relembra Ledra. A empresa, que já era enxuta, conseguiu alcançar ainda um ganho de 20% com redução de custos. Rocha acrescenta que o programa “mudou a forma como as empresas faziam a gestão de seu negócio e enxergavam o mercado”. A prática de ensaios com o produto acabado, iniciativa até então inédita, reconta o secretário da Fieg, trouxe ganhos de qualidade e maior segurança para o consumidor, “criando um diferencial para as empresas, que puderam assim conquistar fatias maiores do mercado, reduzir custos e atingir melhores resultados”.



Luiz Ledra: trabalho envolverá todas as áreas da empresa, preparando-a para futura certificação

Os demais projetos, por sindicato>>

Calçados – O Sindicato das Indústrias de Calçados no Estado de Goiás (Sindicalce) busca aprimorar a qualidade e a gestão ambiental do arranjo produtivo do setor calçadista de Goiânia e Goianira, com oferta de treinamento, consultoria e pesquisas para promover o desenvolvimento, a sustentabilidade e a melhoria dos processos, de produtos e serviços no setor.



Móveis – A melhoria organizacional e tecnológica do Arranjo Produtivo Moveleiro da Região Metropolitana de Goiânia, por meio da interação e cooperativismo entre as empresas, com foco na modernização da gestão empresarial, na melhoria da produtividade e da qualidade de produtos e processos é o objetivo do projeto do Sindicato das Indústrias de Móveis e Artefatos de Madeira no Estado de Goiás (Sindmóveis).

Rochas ornamentais – O projeto do Sindicato das Indústrias de Rochas Ornamentais do Estado de Goiás busca a capacitação empresarial do setor, com foco em gestão estratégica, gestão financeira e comercial, saúde e segurança do trabalho e gestão ambiental. O sindicato pretende ainda consolidar a aplicação da Portaria nº 42, de 11 de março de 2008, do Ministério do Trabalho e Emprego, que proíbe o corte a seco de rochas ornamentais.

Pontal Engenharia



Tai Chi Chuan no escritório: mudança de cultura no ambiente de trabalho traz ganhos de produtividade entre 10% e 15%



É A QUALIDADE,
É A QUALIDADE

continua>>

EMPRESAS QUE INVESTEM EM BOAS PRÁTICAS AUMENTAM AS CHANCES DE PERPETUAR SEU NEGÓCIO, TURBINANDO GANHOS DE PRODUTIVIDADE E EFICIÊNCIA A PRAZOS MAIS LONGOS

O Serviço Social da Indústria (Sesi) vem, há quase uma década e meia, incentivando as empresas do setor industrial a adotar boas práticas de gestão em todas as áreas de seu negócio, como forma de assegurar a sustentabilidade de sua operação ao longo do tempo, incrementar a competitividade, garantir um lugar no mercado e preservar a sobrevivência das empresas. Os resultados dessa estratégia surgem de forma mais evidente quando se avalia os resultados do 14º Prêmio Sesi Qualidade no Trabalho (PSQT). Mais de mil empresas em todo o País tinham o que mostrar, quando se trata de boas práticas na área de qualidade do trabalho, responsabilidade social e ambiental, e concorreram pela premiação. Em Goiás, pouco mais de duas dezenas de indústrias disputaram a etapa estadual da premiação. Os números parecem falar por si mesmos, sugerindo que o setor industrial en-

trou definitivamente em uma nova fase em seu processo de desenvolvimento, quando o foco estratégico de sua operação passa a considerar, entre outros fatores, o investimento em boas práticas na área trabalhista, o que vai além do pagamento de bons salários aos trabalhadores a cada mês.

Empresas como Pontal Engenharia, Rhede Transformadores, Gênix Indústria Farmacêutica, Jalles Machado e Sama relatam sua experiência e mostram que investir na construção de um bom ambiente de trabalho, com atenção à saúde, à segurança e à capacitação de seus funcionários, respeito ambiental e atenção à sociedade que gravita no entorno das indústrias não só reforça sua imagem no mercado, como assegura retornos, traduzidos em ganhos de produtividade, redução de custos e perpetuidade do negócio no longo prazo.

ESTÍMULO ÀS BOAS PRÁTICAS

Lançado pelo Sesi Nacional em 1996, o PSQT é uma ferramenta construída para “estimular empresas a incorporar a responsabilidade social em suas rotinas, além de significar um reconhecimento das boas práticas adotadas pelo setor industrial”, define a coordenadora do prêmio em Goiás Solange Queija de Siqueira Campos. Realizado anualmente até 2008, o PSQT tornou-se bianual a partir de então e completou sua 14ª edição neste ano.

De acordo com Solange, três categorias – micro/pequenas, médias e grandes empresas – disputam o prêmio em seis modalidades (cultura organizacional, gestão de pessoas, ambiente de trabalho seguro e saudável, educação



e desenvolvimento, desenvolvimento socio-ambiental e inovação). A versão 2011 do PSQT recebeu trabalhos e projetos de 1.030 empresas em todo o País. Em Goiás, 23 empresas se inscreveram, somando um total de 37 práticas. Dessas, 11 indústrias e 13 práticas foram premiadas, incluindo a Pontal Engenharia, Rhede Transformadores, Gênix Indústria Farmacêutica, Futura Caminhões e Máquinas, Scitech Produtos Médicos, Belcar Caminhões e Máquinas, John Deere Brasil, Jalles Machado, Sama, Eternit e Construtora Biapó. A solenidade de entrega dos prêmios estaduais foi realizada no dia 16 de março, no Centro Cultural Paulo Afonso Ferreira - Teatro Sesi, em Goiânia. O resultado nacional foi anunciado no dia 5 de abril.



PRÊMIO EM DOBRO PARA A QUALIDADE

No mercado desde 1986, com uma carteira de 300 apartamentos a serem entregues nos próximos dois anos, a Pontal Engenharia Construções e Incorporações foi a vencedora da etapa nacional do 14º Prêmio Sesi Qualidade no Trabalho (PSQT), na categoria Micro e Pequena Empresa, na modalidade Ambiente de Trabalho Seguro e Saudável. A construtora goiana já havia sido duplamente contemplada na fase estadual da competição, acumulando dois primeiros lugares nas modalidades Ambiente de Trabalho Seguro e Saudável e Inovação.

O troféu nacional foi entregue ao engenheiro e diretor da construtora, Ricardo Mortari Faria, pelo superintendente do Sesi Goiás, Paulo Vargas, no início de abril. Considerando-se todas as categorias, 90 indústrias disputaram o prêmio, incluindo, a Rhede Transformadores e Equipamentos Elétricos e Genix Indústria Farmacêutica, ambas com unidades industriais em operação no Estado. Na visão de Mortari, as obras da empresa devem apresentar “padrões de qualidade que tragam a dignidade e satisfação para o cliente, sob o conceito de viver e



“A sustentabilidade deve ser uma matéria-prima incorporada ao edifício tão importante quanto cimento, aço, areia ou outros insumos”

Ricardo Mortari Faria, diretor da Pontal Engenharia, ao receber o PSQT, sob aplausos de Alex Mansur Mattos, do Sesi Nacional, e Pedro Alves de Oliveira

morar bem, agregando níveis de excelência em benefício do meio ambiente e da comunidade, gerando qualidade de vida, saúde e segurança para os colaboradores. A sustentabilidade deve ser uma matéria prima incorporada ao edifício tão importante quanto cimento, aço, areia ou outros insumos”

Num feito inédito na construção civil, a Pontal Engenharia conquistou três certificações de uma só vez, somando cinco certificados, todos obtidos em 2010, cobrindo as áreas de meio ambiente (ISO 14001), responsabilidade social (ISO 16001), saúde e segurança no trabalho (OHSAS

18001) e gestão da qualidade (ISO 9001:2008), além de alcançar reconhecimento equivalente no âmbito do Programa Brasileiro da Qualidade e Produtividade do Habitat (PBQP-H) nível A. “A certificação é um caminho sem volta para as construtoras e o mercado faz questão de cobrar esse diferencial de eficácia e competitividade”, acrescenta Mortari. A construtora registra em seu portfólio a participação em quatro edições do PSQT, sendo premiada na etapa goiana em 2004, pelo conjunto de suas práticas sociais, e em 2007, quando venceu as fases estadual e do Centro-Oeste.

DOIS MILHÕES DE HORAS SEM ACIDENTES

Não há muitas empresas no setor da construção civil que podem comemorar 11 anos consecutivos sem acidentes nas obras, somando 2 milhões de horas trabalhadas sem qualquer registro negativo. Apesar de apresentar esse cartel já respeitável, a Ponta Engenharia decidiu, a partir de 2009, reforçar a segurança e o conforto no ambiente de trabalho, com a introdução de medidas e providências para prevenir o risco ergonômico, amenizando o impacto das atividades diárias sobre a saúde física dos empregados nas obras e na área administrativa.

O projeto “Integrando Ergonomia e Qualidade de Vida no Trabalho” foi reconhecido nacionalmente neste ano, merecendo o primeiro lugar no PSQT. A adoção da ergonomia, com a instalação de equipamentos adequados, a introdução de práticas preventivas e a capacitação dos funcionários, contribuiu para amenizar o desgaste físico e psicológico, reduzir o absenteísmo e estimular a produtividade, de acordo com a empresa.

As melhorias introduzidas desde o canteiro de obras até os escritórios da administração envolveram a aquisição de utensílios e aparelhos ergonomicamente planejados – mouse pads, suportes para os pés, apoio de teclado e para a cabeça, entre outros –, a inclusão de pequenas pausas no trabalho, ginástica laboral e prática de tai chi chuan no escritório e nos canteiros de obras, entre outras práticas, descreve o engenheiro Wesley de Andrade Galvão.

A mudança de cultura no ambiente profissional, segundo descreve a Pontal Engenharia, trouxe impacto também sobre a produtividade, estimando-se ganhos em torno de 15% para a área administrativa e de quase 10% nas obras. A melhoria da segurança trouxe ainda como vantagem o fato de a construtora conseguir manter o processo produtivo sem interrupções causadas por faltas ou redução no ritmo de execução



Ergonomia: prêmio ao trabalho desenvolvido para aumentar segurança e qualidade no emprego



UM NOVO JEITO DE AQUECER A ÁGUA

Premiado na fase estadual do PSQT neste ano, o projeto "Produção mais limpa e sustentável" gerou inovações que poderão render à Pontal Engenharia pelo menos uma patente pelo desenvolvimento de nova solução energética para o aquecimento da água nos prédios da construtora. Depois de avaliar várias opções, a equipe técnica chegou a um sistema aprimorado de aquecimento da água por energia solar, mais eficaz e com maior qualidade em relação ao que existe atualmente no mercado, já que permite atingir temperaturas mais elevadas e constantes, economizando água e energia.

A Pontal Engenharia requereu no final de maio do ano passado o patenteamento desse sistema ao Instituto Nacional de Propriedade Industrial (Inpi). Ao longo da vida útil do edifício, a inovação produz uma redução estimada entre 25% e 30% no consumo de energia elétrica, comparado a um prédio que utiliza tecnologia tradicional.

O projeto como um todo envolveu ainda a adoção de políticas de gestão racional de resíduos, reaproveitamento e recuperação de água e técnicas para reduzir desperdícios, em muitos casos, atendendo a sugestões de seus empregados. Os prédios da Pontal utilizam caixas de retenção e sistemas independentes de captação da água que escorre dos aparelhos de ar condicionado e de águas pluviais, que são reaproveitadas em bacias sanitárias e nas torneiras de uso comum nas garagens e jardins. A água excedente é escoada por meio de poços de infiltração, reabastecendo o lençol freático, sem pressionar galerias pluviais. Aplicada desde 2001, essa tecnologia resulta em economia da ordem de 30% a 40% na conta de água dos condomínios.

Entre seus primeiros projetos e as obras mais recentes, a construtora alcançou uma redução de quase 37% na geração de resíduos sólidos, com a aplicação de sistemas de gestão mais adequados. O índice de geração de resíduos para 130,98 quilos por metro quadrado – quase 13% abaixo da média brasileira (em torno de 150 quilos por m²).

das obras e a quase eliminação de gastos com indenizações e multas trabalhistas ou geradas por falta de condições de trabalho adequadas. A melhoria na imagem da empresa no mercado reverteu-se, sempre conforme a empresa, em maior fidelização dos clientes, com consequente aumento da velocidade de vendas, que cresceu entre 30% a 35% num período mais recente. "Ao longo de sua trajetória de 25 anos, a Pontal compreendeu que a qualidade é um processo de contínuo aperfeiçoamento e só pode ser medida e alcançada de acordo com o atendimento das necessidades e expectativas das partes envolvidas", afirma Galvão. Segundo ele, desde 2007 esse conceito foi ampliado para todas as demais áreas envolvidas no processo de construção, "o que mudou o paradigma de atender somente as necessidades do cliente final". A contratação de consultores e parcerias com Sesi, Senai e ICQ Brasil, diz ele, foram fundamentais nesse processo.

A mais recente avaliação realizada com funcionários da construtora mostrou um índice de satisfação de 79,7%. Na média, o período de permanência no trabalho aumentou 15,6% entre 2008 e 2010, passando de 28,2 para 32,59 meses, o que significa que "cada colaborador fica mais tempo fidelizado à construtora". Ainda em termos médios, o índice de absenteísmo alcançou apenas 1,65% na média de 2008 a 2010.

SISTEMA INOVADOR DE GESTÃO

A partir de 2003, a Rhede Transformadores e Equipamentos Elétricos, ou simplesmente Rhede Reciclar, fabricante de geradores, transformadores e motores elétricos, promoveu uma pequena revolução em seu sistema de gestão de pessoas, com a criação de um espaço democrático para debate de políticas e de práticas adotadas no dia a dia da empresa, consolidado com a implantação do programa Grupos Rhede Integração (GRIs), descreve o diretor presidente da empresa, Magno Abadio de Oliveira. Desde então, nove grupos de discussão foram instalados, nas áreas de desenvolvimento e marketing, motivação, qualidade total, relacionamento com o cliente, cidadania, desenvolvimento e cultura, família, informações e comunicação e saúde e segurança no trabalho.

As práticas desenvolvidas a partir desse sistema

PRODUTIVIDADE MAIS DO QUE DOBRA

Na categoria dos ganhos intangíveis ou de difícil mensuração, a diretora de Recursos Humanos da Rhede Reciclar, Leila Pinheiro Xavier, relaciona uma sensível melhoria no clima organizacional, facilitada pela abertura de um canal de comunicação mais eficiente entre trabalhadores e empresa. A “participação efetiva dos colaboradores nas decisões estratégicas”, em sua descrição, abriu espaço, entre outros benefícios, para um incentivo maior à inovação, já que a empresa tornou-se mais aberta a sugestões e propostas surgidas durante as discussões travadas nos GRIs.

O avanço na produtividade pode ser mais bem avaliado pelo trabalho desenvolvido pelo GRI Desenvolvimento e Cultura, responsável por ações de capacitação dos funcionários. Ainda de acordo com Leila, num trabalho mais recente, a Rhede promoveu uma série de palestras e treinamentos em 2009, atendendo a necessidades e demandas apontadas pelos trabalhadores em levantamento realizado no início daquele ano. “Nossa produtividade passou de 12 peças por dia quando iniciamos o trabalho em 2009 para 25 peças por dia em 2010. Exemplarmente, em 2009, ano de crise financeira, nossa empresa se manteve firme e registrou crescimento real superior a 50%”, descreve a diretora.



Magno Abadio, da Rhede Transformadores, na entrega do PSQT: gestão de pessoas com democracia

renderam, entre outros resultados tangíveis e intangíveis, o primeiro lugar entre as médias empresas na edição do PSQT de 2011, na categoria Gestão de Pessoas. Segundo Leila Pinheiro Xavier, diretora de Recursos Humanos da Rhede Reciclar, área responsável pela coordenação dos grupos e pela implementação dos projetos desenhados a partir desse debate, a ideia era que o sistema contribuísse para disseminar e avaliar as estratégias de negócio da empresa. “O principal objetivo dos Grupos Rhede Integração (GRIs) é criar um espaço democrático na gestão de pessoas, inspirando seus colaboradores a sentirem que seu trabalho e suas idéias são importantes”, destaca Leila.

Não menos importante, reforça a diretora, os GRIs desempenham ainda o papel de abrir caminho para que todos os trabalhadores tenham acesso direto às lideranças dentro da empresa, participando direta ou indiretamente de suas decisões estratégicas, “além de estimular a construção de um ambiente melhor para se trabalhar”.

Com o início dos trabalhos nos grupos, foi preciso alinhar todos os sistemas, com redução dos níveis hierárquicos e adoção de normas mais flexíveis, tornando a estrutura organizacional mais ágil. Leila conta que os gerentes se tornaram principais agentes de mobilização de pessoal para o processo participativo.

SOJA, EXERCÍCIOS E MENOS FALTAS

Classificada entre as melhores do País por suas práticas na área de gestão de recursos humanos, a goiana Gênix Indústria Farmacêutica Ltda foi a primeira colocada estadual na categoria Inovação na modalidade média empresa com o desenvolvimento de um programa nutricional para melhoria da saúde do trabalhador. O projeto, detalham Ivan da Gloria Teixeira e Aline Nobre Alencar, respectivamente diretor e supervisora de recursos humanos da empresa, foi iniciado em outubro de 2009 para promover a reeducação alimentar de seus colaboradores, com a adição inicial de 25 gramas diárias de um mix de soja nas refeições servidas aos 350 empregados. O projeto foi realizado em parceria com a Escola Senai Vila Canaã, responsável pela coordenação e pelo desenvolvimento do novo produto, e com o Sesi, por meio do Programa Cozinha Brasil, que respondeu pela elaboração do cardápio e pelo acompanhamento nutricional. A área de saúde do Sesi Goiás fez o diagnóstico laboratorial dos trabalhadores da empresa, identificando grupos de risco. Na verdade, mais do que uma mudança de cardápio, o objetivo do projeto era também estimular a adoção de hábitos e práticas mais saudáveis entre os empregados, reduzindo as faltas por motivos de saúde e estimulando a produtividade no trabalho.

Todos os colaboradores foram submetidos a exames laboratoriais, incluindo testes de colesterol e hemograma completo. Com base nos resultados desses exames, foram selecionados 60 funcionários que apresentaram taxas alteradas e receberam tratamento diferenciado. Apenas quatro deles deixaram o projeto por motivos diversos, desde afastamento do trabalho por motivos de saúde e simples desistência até demissão. Durante seis meses, entre abril e setembro de



Aline Nobre e Ivan da Gloria: reeducação alimentar provoca queda no absenteísmo

ano passado, a dieta dos empregados foi enriquecida com a administração do novo alimento funcional. Ao longo desse período, ocorreram quatro atendimentos, durante os quais foram realizadas avaliações nutricionais e novas análises clínicas para avaliar os efeitos do mix de soja na dieta.

A partir dessas avaliações, foi possível identificar cinco funcionários que experimentaram melhorias sensíveis de saúde e, portanto, de qualidade de vida, com mudanças no hábito de vida e início da prática de esportes. Registrou-se diminuição das taxas de colesterol total, com aumento do nível do colesterol “bom” (HDL), e redução de peso corporal. Ao longo do processo, 90% dos colaboradores relataram ter diminuído o consumo de alimentos calóricos e frituras, e aumentado o consumo de frutas, verduras e água, demonstrando mais disposição nas atividades diárias.

Projeto realizado em parceria com a Escola Senai Vila Canaã e com o Sesi permitiu à Genix melhorar a saúde de seus colaboradores e aumentar a produtividade



Educação básica e fundamental: Jalles Machado mantém escola para atender 330 filhos de colaboradores

A "CARTA MAGNA" DA JALLES MACHADO

Numa classificação até então inédita na história da empresa, a Jalles Machado foi um dos destaques do 14º PSQT, levando o primeiro lugar nas categorias Desenvolvimento Socioambiental e Educação e Desenvolvimento como empresa de grande porte. Também pela primeira vez no Estado uma indústria do setor sucroalcooleiro recebeu o prêmio.

A empresa investiu num sistema de gestão ambiental ancorado na norma ISO 14001:2004, e destinou R\$ 5,5 milhões para infraestrutura, equipamentos e aquisições de terras utilizadas para regularizar as áreas de reserva legal em todas as propriedades utilizadas pelo grupo no cultivo de cana de açúcar, segundo Maria Lúcia Polizelli, do grupo Jalles Machado.

As políticas ambiental e de gestão de pessoas desenvolvidas pelo grupo, descreve Maria Lúcia, estão inscritas no que chama de "carta magna" da empresa, que contempla conceitos e práticas relacionados à qualidade e segurança de produtos e no ambiente de trabalho, respeito ao meio ambiente e a busca constante de melhorias no desempenho operacional. Como

parte dessa estratégia, destaca Maria Lúcia, a Jalles Machado destina aos empregados, além de uma remuneração variável conforme a produtividade, um adicional a título de participação nos resultados do grupo.

A premiação conferida pelo Sesi Goiás foi um reconhecimento, entre outros, ao trabalho desenvolvido pela Fundação Jalles Machado, entidade sem fins lucrativos que atua nas áreas de cultura e educação desde 1996. A fundação é mantenedora da Escola Luiz César de Siqueira Melo, que atende a 330 filhos dos colaboradores da Jalles Machado, oferecendo educação básica e fundamental. O corpo docente é formado por profissionais com graduação e pós-graduação, que participam frequentemente de palestras, seminários e cursos de atualização, afirma Maria Lúcia.

Na área de formação e qualificação profissional, em parceria com o Sesi Goiás, o grupo desenvolve desde 2006 o projeto "Educação para o Trabalhador", que mescla capacitação e graduação de níveis fundamental e médio, favorecendo mais de 350 alunos, entre trabalhadores da empresa, seus dependentes e pessoas da região de Goianésia, que abriga a sede do grupo.

Na área ambiental, uma estação de tratamento permite que o grupo trate todo o esgoto gerado pela usina. Os efluentes gerados no processo de produção de açúcar e álcool abastecem o sistema de fertirrigação das lavouras de cana, evitando seu lançamento em mananciais da região. Os lixo doméstico e hospitalar, prossegue Maria Lúcia, são acomodados num aterro sanitário licenciado pelos órgãos ambientais do Estado.

Maria Lúcia Polizelli: participação nos resultados e ganhos por produtividade para os empregados





CANA ORGÂNICA E COGERAÇÃO

A usina do Grupo Jalles Machado foi uma das primeiras no Estado a produzir cana e açúcar totalmente orgânicos, que dispensam a aplicação de aditivos químicos e recorrem ao controle biológico de pragas. O laboratório de controle biológico da empresa produz 30 milhões de vespas mensalmente para combater a broca da cana. De acordo com Maria Lúcia, a área destinada à cana orgânica deverá avançar de 7.762 hectares para 12 mil hectares em 2012. A companhia mantém contrato firme de venda de créditos de carbono, gerando uma receita acumulada de R\$ 1,5 milhão desde 2001, recurso investido em projetos ambientais do grupo.

NA SAMA, BEM-ESTAR E SEGURANÇA

Desenvolvido desde 2009, o programa “Orgulho em Fazer Parte” assegurou à Sama S/A - Minerações Associadas, instalada em Minaçu, no norte goiano, e responsável por 10% da produção mundial de amianto crisotila, a primeira colocação na modalidade Grande Empresa e categoria Gestão de Pessoas na edição deste ano do PSQT. Segundo Fábria Soares Cunha Santana, coordenadora Planejamento de Recursos Humanos da empresa, o programa oferece aos trabalhadores da mineradora um mix de benefícios, incluindo a distribuição de kits para bebês e para casamento e a promoção da “Semana da 10Contração”, além de contribuir, principalmente, para “a melhoria do clima organizacional e para o aprimoramento das relações entre colaboradores e gestores”.

Como parte do mesmo pacote, a política de gestão de recursos humanos da empresa agrega adicionalmente os programas “Cuidando da Minha Carreira” e “Segundo Tempo”, que cuidam da valorização profissional dos empregados, “entre outras atividades que proporcionam melhor qualidade de vida”, afirma Fábria. A estratégia adotada pela Sama estimula maior engajamento do seu corpo de funcionários no cumprimento de metas, lembra ela, acrescentando que a previsão definida para a produção



Sama investe na valorização profissional e pessoal de seus trabalhadores

da mina e para as vendas foi superada em 2010. “Acredito que o excelente clima na empresa é resultado de um forte investimento da Sama na valorização profissional e pessoal dos nossos colaboradores, bem como de toda liderança da mineradora”, declara Fábria.

Para garantir segurança da operação e a integridade física dos trabalhadores, preservando seu bem estar, prossegue a coordenadora de RH, a Sama adota as diretrizes estabelecidas pela norma OHAS 18001, com foco em saúde e segurança ocupacional, compatível com sistemas de gestão baseados nos padrões ISO 9001 (voltada para a área de gestão da qualidade) e ISO 14001 (preservação ambiental), devidamente certificados. As práticas adotadas têm como objetivo “eliminar ou neutralizar



Descontração no trabalho: empregados da mineradora aderem ao voluntariado

condições de risco potencial associadas às atividades da mineradora”, descreve Fábria, prevenindo acidentes e doenças ocupacionais. Como um dos resultados dessas políticas, a coordenadora aponta que a empresa realiza, desde 2007, a Pesquisa Interna Ecos (Engajamento para o Clima Organizacional Sama), realizada com todos os trabalhadores com o objetivo de aferir o nível de satisfação do público interno e monitorar o ambiente corporativo. Os resultados são apresentados por área e contribuem para a definição do planejamento anual da empresa.



As campeãs estaduais>>

Modalidade	Micro e Pequena Empresa
Categoria	Ambiente seguro e saudável
1º lugar	Pontal Engenharia Construções e Incorporações
Categoria	Desenvolvimento socioambiental
1º lugar	Futura Caminhões e Máquinas
Categoria	Educação e Desenvolvimento
1º lugar	Scitech Produtos Médicos
Categoria	Inovação
1º lugar	Pontal Engenharia Construções e Incorporações
2º lugar	Scitech Produtos Médicos
Modalidade	Média Empresa
Categoria	Desenvolvimento Socioambiental
1º lugar	Belcar Caminhões e Máquinas
Categoria	Educação e Desenvolvimento
1º lugar	John Deere Brasil
Categoria	Gestão de Pessoas
1º lugar	Rhede Transformadores e Equipamentos Elétricos
Categoria	Inovação
1º lugar	Genix Indústria Farmacêutica
2º lugar	Construtora Biapó
Modalidade	Grande Empresa
Categoria	Desenvolvimento Socioambiental
1º lugar	Jalles Machado
Categoria	Educação e Desenvolvimento
1º lugar	Jalles Machado
Categoria	Gestão de Pessoas
1º lugar	Sama S.A Minerações Associadas
2º lugar	Eternit

MENOS DESPERDÍCIO, MAIS LUCROS

Empresas com sistemas de gestão da qualidade certificados agregam sustentabilidade ao negócio, reduzem custos e aumentam o retorno

Qualquer que seja a empresa, um sistema de gestão da qualidade, desenhado com base na norma internacional ISO 9001, quando aplicado corretamente, tenderá a produzir ganhos em cadeia, ao padronizar e racionalizar procedimentos e processos, baixando custos e maximizando resultados. A redução de desperdícios de insumos e de outros materiais e o ganho de tempo com a eliminação do retrabalho, diminuindo a necessidade de horas extras, causam efeitos positivos sobre a estrutura de custos e também sobre o fluxo de caixa e são algumas das vantagens apontadas por empresas certificadas por suas boas práticas nessa área.

“Quando a empresa estabelece procedimentos de forma padronizada, isso permite o planejamento das obras e a definição antecipada do serviço a ser realizado, o que evita desperdícios”, afirma Eduardo Paiva, engenheiro da qualidade da Consciente Construtora. A gestão da qualidade, aplicada em conformidade com a ISO 9001, conduz a empresa, em todas suas atividades, a repensar as formas de realizar a produção, de uma maneira em que os gastos com retrabalho e materiais e o tempo de execução sejam menores, destaca Tatiana Jucá, superintendente do ICQ Brasil, organismo certificador ligado ao Sistema Fieg.

“Uma organização certificada segundo a NBR ISO 9001 consegue se antecipar às necessidades do mercado com o auxílio de indicadores, padronização de processos e acompanhamento contínuo para melhoria. Diante disso, a empresa passa a tomar decisões baseadas em fatos e são essas decisões que garantirão o sucesso da organização”, acrescenta a superintendente.



Mãos à obra: construtoras reduzem desperdícios com padronização e racionalização de processos

CONSCIENTE SUPERA SUAS METAS

Uma das primeiras empresas goianas a implantar o Sistema de Gestão da Qualidade (SGQ), ainda em 2000, a Consciente Construtora passou a padronizar os procedimentos, com a participação do pessoal de seus diversos setores, em todos os departamentos e a planejar os serviços, o que exigiu mudança cultural ampla, mas com resultados palpáveis. Todas as decisões da empresa, seja na área comercial, no setor de administração ou na parte técnica, “são fundadas em fatos e tomam como base informações levanta-



Eduardo Paiva, da Consciente: decisões planejadas e "fundadas em fatos" e em estatísticas reais

das por alguma ferramenta do SGQ, o que inclui pesquisa de satisfação de clientes, indicadores de qualidade e outros", afirma o engenheiro da Qualidade Eduardo Paiva.

"Quando a empresa estabelece procedimentos de forma padronizada, isso permite o planejamento das obras e a definição antecipada do serviço a ser realizado, o que evita desperdícios", afirma. Ainda de acordo com Paiva, o SGQ passou a ser considerado "como uma ferramenta de apoio ao trabalho de cada um. Com isso, conseguimos o envolvimento e principalmente

o respeito de todos ao sistema." Assim, reforça ele, "o desperdício principalmente de tempo é reduzido, uma vez que o grau de acerto das ações tomadas é maior."

O índice de não conformidade nas obras da construtora foi reduzido em média de 4,49% em maio de 2009 para 1,51% em março deste ano, superando a meta definida pela construtora, que previa um índice máximo de 3%. Esse índice demonstra o percentual dos serviços executados fora dos padrões exigidos – e que por isso, em alguns casos, tiveram de ser refeitos, significando perda de materiais e mais horas de trabalho. Em poucas palavras, custos mais elevados.

O SGQ permite que a empresa se antecipe a falhas no processo construtivo, evitando níveis de desperdício acima do razoável e assegurando níveis ótimos de qualidade na execução do serviço. "Não há como assegurar 100% de acerto, mas podemos reduzir em muito a margem de erro", observa Paiva. A área administrativa também passou por mudanças. Neste caso, as perdas maiores estavam relacionadas ao tempo perdido na execução de tarefas rotineiras. Para enfrentar esse problema, a Consciente reescreveu formulários e documentos do SGQ, eliminando alguns deles, de forma a tornar os processos "mais enxutos e dinâmicos", na avaliação de Paiva.

GANHOS NO REVESTIMENTO, ALVENARIA E ENERGIA

Atualmente com 397 funcionários e quatro obras em andamento, todos na área residencial, a Consciente Construtora passou a adotar soluções tecnológicas para reduzir os níveis de desperdício nas obras, com a colaboração de engenheiros, técnicos, mestres e profissionais. A espessura do contrapiso, num exemplo lembrado pelo engenheiro Eduardo Paiva, foi reduzida em mais ou menos 30%, com economia de materiais, sem afetar a qualidade final do produto. A construtora passou a trabalhar, ainda, com um processo de "paginação" antecipada do revestimento cerâmico, quarto maior gasto em uma obra, respondendo por 8,7% a 12,7% do custo total, assim como do processo de "acu-

nhamento" das paredes. No primeiro caso, o revestimento passou a ser realizado de acordo com especificações pré-estabelecidas, tornando possível concluir o serviço com a menor quebra possível de material. "Atingimos índice de 5,05% de desperdício numa obra, enquanto na média do mercado, o desperdício de cerâmicas chega a 10%, dependendo do tipo de acabamento", observa Paiva.

O novo desenho para a alvenaria permitiu à construtora ganhar uma linha de tijolos completa, já que o planejamento prévio evita a quebra de material na conclusão desse processo. Neste caso, bastou um cálculo simples de engenharia e um pequeno aumento no tama-

nho da junta entre os tijolos para que a parede possa ser erguida sem a necessidade de desperdiçar material.

Por sugestão dos engenheiros e demais empregados, o processo de requadrção dos portais (encaixe das esquadrias nos espaços reservados para as portas) foi facilitado com o uso de gabaritos – uma estrutura metálica que delimita o espaço correto para fazer a alvenaria e o reboco, evitando retrabalho no momento de assentar os portais. Em uma das obras, o almoxarifado teve o sistema de iluminação modificado, com a adaptação de garrafas PET no lugar de luminárias. “Isso reduziu custos de energia. A economia que fizemos permitiu a aquisição de um frigobar para os operários da obra”, detalha Paiva. O engenheiro acredita que a implantação do SGQ foi facilitada pelo fato de a Consciente contratar diretamente grande parte da mão de obra, com baixo índice de terceirização. A vantagem é que a empresa pode preservar níveis reduzidos de rotatividade e investir em formação e capaci-



Iluminação inovadora: sugestão dos trabalhadores leva a menor consumo de energia

tação de profissionais. “Adotamos uma política de valorização dos trabalhadores com melhor desempenho em cada área, com políticas de promoção para os melhores serventes, carpinteiros, pedreiros, eletricitas”, afirma Paiva.

MAIOR CONTROLE SOBRE A OPERAÇÃO

A Toctao Engenharia adota desde 2001 o Sistema de Gestão da Qualidade, com lastro na norma ISO 9001, reforçando o controle gerencial de suas obras. “Os engenheiros passaram a ‘dominar’ mais a produção, os gastos e os custos, e assim, quando se conhece bem o que está ocorrendo na obra, pode-se gerenciá-la melhor”, descreve Fabiane Ribeiro, engenheira civil e coordenadora de qualidade da construtora.

Com maior domínio sobre a operação, continua Fabiane, as equipes de engenharia conseguem identificar onde e de que forma ocorrem desperdícios nas obras, que tipo de material é mais desperdiçado, o profissional responsável pelos índices mais relevantes de perdas e quais técnicas permitem evitar a ocorrência. Da mesma forma, é possível apontar a melhor forma de armazenar um material ou de proteger um serviço já concluído. “O engenheiro pode

“Quando se conhece bem o que está ocorrendo na obra, pode-se gerenciá-la melhor”

Fabiane Ribeiro, da Toctao Engenharia

então agir para que esses desperdícios sejam reduzidos, atuando diretamente na causa do problema”, arremata.

A construtora não desenvolveu indicadores numéricos para acompanhar o nível de desperdício, mas tem observado avanços na execução dos orçamentos definidos para cada uma das obras. “Sabemos que os ganhos são muitos e são incorporados nos processos produtivos, porém não são mensuráveis”, afirma Fabiane.

Segundo ela, os gastos com materiais e mão de obra “estão cada vez mais dentro dos valores orçados” e isso deve ser creditado à redução dos desperdícios, “tendo em vista que as margens de perdas consideradas em fase de orçamento não são altas”.

Como rotina, após a implantação da ISO 9001, a Toctao passou capacitar seu pessoal antes do início de cada serviço. O funcionário recebe treinamento e informações específicas sobre a atividade, sobre os padrões adotados pela empresa e tolerâncias a cada verificação, relata Fabiane. “Não deixamos que o serviço seja realizado para só depois verificar se está conforme nossos padrões. Isso evita que se tenha de refazer todo o trabalho”, acentua.

Da mesma forma, a construtora passou a realizar inspeções no momento de recebimento dos materiais, recusando produtos fora das especificações ou danificados. “Isso diminuiu o desperdício no caso de bloco cerâmico, por exemplo. Quando o bloco não é de boa qualidade, há muita perda por quebra. Além disso, o bloco fora das dimensões padronizadas exigirá o uso de mais argamassa para assentamento e para reboco”, afirma.

UM JOGO DE “GANHA-GANHA”

Charles Viegas, proprietário da El Berite Construções e Empreendimento Ltda., veio do Maranhão, onde sua empresa opera, até Goiás apenas para providenciar a certificação da construtora pelo ICQ Brasil. “Ser certificado pelo ICQ Brasil é entrar para um grupo seletivo de empresas. E quando você entra nesse grupo, que tem a visão da qualificação, as oportunidades e nichos de negócio vão simplesmente duplicar”, aposta Viegas. A certificação com base no Programa Brasileiro de Qualidade e Produtividade no Habitat (PBQPH) e na ISO 9001 causou mudanças radicais na El Berite, conforme relata Viegas. “Analisando antes e depois (da certificação), posso dizer que essa é uma nova empresa.” Na visão do empresário, a qualificação alcançada engendrou uma série de efeitos em cadeia, todos positivos. “Sempre que a empresa consegue reduzir custos, o lucro aumenta e se o lucro cresce, você investe mais, cria mais empresas e qualifica mais empregados. Este é um negócio em que não há perdas, todos ganham.”

GERAÇÃO DE RESÍDUOS CAI EM UM TERÇO

Diante do rápido crescimento da empresa, a Construtora Moreira Ortence (CMO) decidiu implantar seu sistema de gestão da qualidade em junho de 2001, padronizando processos construtivos, prevenindo a ocorrência de erros e desvios em relação às especificações definidas para as várias etapas de produção, descreve o tecnólogo Murilo Barbosa de Moraes, do Departamento de Planejamento da empresa.

A partir de 2003, quando foram estabelecidos indicadores para acompanhar o desperdício, a CMO Construtora obteve uma redução de 32,6% na geração de resíduos. “No início, estávamos gerando em torno de 46,30 litros por metro quadrado construído, atualmente nós reduzimos o entulho gerado para 31,19 l/m²”, detalha Moraes. Além da padronização de processos, a construtora implantou um programa de gerenciamento de resíduos e passou a adotar ferramentas de verificação e armazenamento de materiais, além realizar vistoria mensal nos canteiros, que ganharam maior limpeza e organização.

Moraes aponta redução no desperdício de cerâmicas, concreto, mão de obra e equipamentos de produção com o uso de argamassa usinada. “Antes da implantação do SGQ as obras executavam seus serviços sem procedimentos específicos, a critério de cada engenheiro que conduzia sua obra, gerando retrabalhos e patologias.

O que é a ISO 9001>>

A NBR ISO 9001 é uma norma internacional que estabelece um modelo para implantação e operacionalização de um sistema de gestão da qualidade, aplicável a qualquer tipo de organização e baseada em oito princípios.

- Foco no cliente
- Liderança
- Envolvimento das pessoas
- Abordagem por processos
- Melhoria contínua
- Abordagem por sistemas de gestão
- Abordagem factual para tomada de decisões
- Relação de parceria com fornecedores

UM GOIANO NO PRÉ-SAL

Top Automação entra para o clube exclusivo de fornecedores da Petrobras e participa da montagem de um dos maiores centros de pesquisa na área de petróleo e gás

Uma empresa genuinamente goiana vai participar dos esforços da Petrobras para exploração de petróleo e gás nos superpoços do pré-sal, na plataforma continental brasileira. A Top Automação Industrial, empresa de tecnologia com sede em Goiânia e filiais em Rio Verde, Dourados (MS), Uberlândia (MG), Campinas (SP) e Feira de Santana (BA), foi certificada pela estatal para prestar serviços nas áreas de automação e engenharia elétrica nas obras de instalação do novo centro de pesquisas da petroleira.

Com a certificação, que credenciou a Top Automação a entrar para o exclusivíssimo cadastro de fornecedores da maior empresa brasileira, “uma série de portas vão se abrir no mercado, inclusive nas grandes empreiteiras que já trabalham para a Petrobras, como Odebrecht, Andrade Gutierrez, Queiroz Galvão e outras”, comemora Rafael Barbosa, fundador e diretor administrativo da empresa goiana.

Engenheiro de controle e automação pela Unicamp, com MBA pela Fundação Getúlio Vargas (FGV), Barbosa conta que sua empresa obteve o Certificado de Registro de Classificação Cadastral (CRCC) da Petrobras em março, depois de quase um ano de readequação para cumprir os rigorosos critérios da estatal. “A Petrobras exige três anos de experiência no mercado e comprovação de capacidade técnica e administrativa. Tivemos de atender a mais de 100 requisitos técnicos e legais para conseguir a aprovação da estatal”, afirma o empresário.

O contrato para automação do sistema de clima-



“Uma série de portas vão se abrir no mercado, inclusive nas grandes empreiteiras que já trabalham para a Petrobras”

Rafael Barbosa, da Top Automação

tização do novo centro de pesquisas, na Ilha do Fundão, no Rio de Janeiro, soma praticamente R\$ 1,0 milhão e faz parte de um projeto mais amplo, que prevê investimentos de R\$ 2,5 bilhões e a construção de 22 prédios, 227 laboratórios de pesquisas, somando 124 mil metros quadrados de área construída.

A Top Automação nasceu em Rio Verde em 2007, antes de estabelecer sua sede na capital do Estado, dedicada à criação e desenvolvimento de softwares de automação, atendendo basicamente a indústrias do setor de alimentação. Um ano após sua criação, a empresa agregou à produção de softwares a área de montagens e instalações elétricas, posicionando melhor a empresa no mercado e capacitando-a a oferecer aos clientes pacotes completos de automação – o que assegurou novos contratos e a expansão para fora de Goiás. Sua carteira hoje inclui clientes do porte da Brasil Foods (BRF), Bonduelle, Unilever, Monsanto e Cargill. Em 2009, a empresa participou do Programa de Qualificação de Fornecedores (PQF), iniciativa da Fieg, executada pelo IEL Goiás, o que foi considerado por Barbosa como “um passo fundamental” para preparar a Top Automação para atender grandes clientes, Petrobras incluída.

MAIS DO QUE PROMESSAS

Em reunião com empresários, banco anuncia instalação de agência em Goianira e ampliação no limite das cartas-consultas do FCO

Empresários e um grupo de 30 gerentes do Banco do Brasil, com atuação na região da Grande Goiânia, sentaram-se frente a frente no final de abril para “afinar” a conversa, estreitar a relação profissional entre os dois lados e discutir novas oportunidades de negócios. O encontro, realizado na Casa da Indústria, patrocinado pela Fieg, com a interlocução da Superintendência Estadual do BB, deixou como saldo um pouco mais do que a promessa de melhorias no atendimento dedicado pelos gerentes à classe empresarial.

O superintendente João Batista Trindade Filho aproveitou para anunciar decisão tomada no mesmo dia pelo Conselho Deliberativo do Fundo Constitucional de Financiamento do Centro-Oeste (CDE-FCO), que aprovou a expansão dos limites das cartas-consultas para operações rurais e empresariais. No primeiro caso, o valor subiu de R\$ 49 mil para R\$ 99 mil, passando de R\$ 99 mil para R\$ 199 mil no segundo. A am-

pliação atende a uma das reivindicações do setor industrial, que vinha reclamando aumento no limite de crédito que os gerentes do banco estão autorizados a liberar.

“45% de nossa carteira é constituída de operações do FCO”

Trindade comentou que o BB também tem interesse numa maior aproximação com a indústria. “O banco tem sido parceiro do setor nas iniciativas empresariais, respondendo por metade das operações de crédito no Estado.” De acordo com ele, o BB mantém uma carteira de R\$ 11 bilhões, diante de um estoque de aproximadamente R\$ 24 bilhões para as operações totais de crédito em Goiás. “E 45% de nossa carteira é constituída de operações do FCO”, acrescentou o superintendente. Apenas nos primeiros quatro meses deste ano, segundo dados da Secretaria de Indústria e Comércio, o FCO liberou R\$ 524 milhões para Goiás, num salto de 170% em relação ao mesmo intervalo do ano passado, quando as liberações haviam somado R\$ 194 milhões.

Além da ampliação do limite estabelecido para as cartas-consultas do fundo, o BB anunciou a autorização para a abertura de uma agência da instituição em Goianira, atendendo à solicitação do Sindicato das Indústrias de Calçados no Estado de Goiás (Sindicalce) e de empresários do polo calçadista da região.

O encontro foi classificado como extremamente produtivo pelo presidente da Fieg, Pedro Alves de Oliveira, e demais empresários presentes. “O diálogo franco e direto com o gestor do FCO em Goiás, o Banco do Brasil, foi de suma importância para o empresário e para o próprio banco”, reforçou Pedro Alves.



João Batista, superintendente do Banco do Brasil, e gerentes “afinam” conversa com empresários na Fieg

Eduardo Ferreira/Goiás Agora



>> Fábrica de motores

A entrada do grupo BTG Pactual na Mitsubishi Motors do Brasil, empresa até então controlada pelo grupo Souza Ramos, deu novo fôlego ao negócio, demonstrado pela decisão de investir R\$ 1,0 bilhão no complexo da montadora em Catalão. O plano de investimentos, que define uma injeção de recursos quase equivalente a tudo o que foi aplicado na operação desde seu início, em 1998, prevê dobrar a capacidade instalada de 50 mil para 100 mil veículos por ano e, num lance arrojado, contempla a instalação da primeira planta de fabricação de motores de uma marca japonesa no Brasil, a ser concluída até 2013 ou 2014, segundo o presidente da empresa, Roberto Macedo Soares Rittscher (foto).

Novos modelos

A expansão da unidade de montagem de veículos acomodará uma linha para produção do sedan Lancer, enquanto a Mitsubishi prepara o lançamento de uma nova versão do Pajero Dakar e espera iniciar, no segundo semestre, a produção do veículo esportivo ASX. Em cinco anos, a montadora prevê a contratação de mais 1,7 mil funcionários, além dos 3,3 mil empregados atualmente.

>> ITUMBIARA, A ESCOLHIDA

Num investimento de aproximadamente R\$ 100 milhões, que lhe dará direito a benefícios fiscais no valor de R\$ 1,822 bilhão, a Suzuki Veículos do Brasil (SVB) escolheu Itumbiara para montar sua primeira fábrica na América do Sul. A planta vai produzir, inicialmente, 7 mil unidades por ano do off-road Jimny, segundo anunciou o presidente da SVB, Luiz Rosenfeld, ao governador Marconi Perillo (foto), em solenidade realizada no Palácio das Esmeraldas.

Eduardo Ferreira/Goiás Agora



A quinta maior

A Bionasa inaugurou em maio a quinta maior usina de biodiesel do País, localizada em Porangatu, no Norte do Estado, com capacidade para 235 milhões de litros por ano, de acordo com Francisco Barreto, presidente da empresa. A indústria só fica atrás da Oleoplan, ADM, Granol (RS) e Biocapital, pela ordem. A holding investe também no projeto Onasa, esmagadora de soja que fornecerá matéria-prima para a produção do biodiesel, verticalizando a produção.

Pesquisa e mineração

A Votorantim Metais anunciou investimento de R\$ 121 milhões em pesquisa mineral e em manutenção de suas plantas em Goiás neste ano. A indústria de ferroníquel instalada em Niquelândia receberá a maior parte desses recursos, num total de R\$ 115 milhões. A empresa investirá R\$ 7,0 milhões em pesquisa mineral e no projeto de engenharia de uma nova unidade de níquel em Montes Claros de Goiás, no estudo de viabilidade econômica para exploração de zinco e sulfeto de níquel.

Espaço de convivência

A U.S.E. Mobiliário Corporativo inaugurou no dia 2 de maio seu espaço de convivência, lazer e projeção de filmes, com biblioteca, centro de informática e espaço para capacitação profissional em parceria com o Sesi e Senai. Com 600 empregados, instalada em uma área de 25 mil metros quadrados em Goianira, a U.S.E. anunciou ainda um pacote de benefícios para seus empregados, incluindo plano de saúde, assistência odontológica e convênio com farmácia.

BORRACHA PARA MICHELIN

Por enquanto, Goiás vai continuar vendendo o produto in natura para a multinacional francesa fabricar pneus em Mato Grosso, no Espírito Santo e na Bahia

Já há algum tempo, o grupo Otávio Lage anunciou sua disposição de investir na instalação, possivelmente em Goianésia, origem da companhia, de uma indústria para produção de borracha no Estado, passando a fornecer o produto processado ao mercado. Mas a análise de viabilidade econômica do projeto terá de esperar e só deverá ser feita mais à frente, quando for possível negociar entaves tributários que, por enquanto, complicam a empreitada.

Por enquanto, fica mais barato processar a matéria-prima em São Paulo, mesmo com todos os incentivos fiscais assegurados pelo Produzir, afirma Rodrigo Penna, diretor geral do grupo. O governo paulista estabelece alíquota zero para o Imposto sobre a Circulação de Mercadorias e Serviços (ICMS) que incide sobre toda a cadeia da borracha naquele Estado, desde a produção do coágulo ao processamento final. No momento certo, adianta o empresário, “vamos querer sentar com as secretarias da Fa-

zenda e de Indústria e Comércio para analisar essa discrepância.”

De acordo com Penna, o investimento em uma planta de processamento de látex não exige investimento muito alto e há linhas de crédito disponíveis no Banco Nacional de Desenvolvimento Econômico e Social (BNDES) – afinal, o País hoje importa praticamente 70% de toda a borracha que consome. Considerando apenas o investimento em imobilizado, equipamentos e instalações, uma indústria com capacidade para produzir 10 mil toneladas por ano de borracha seca exigiria o desembolso de R\$ 10 milhões.

O grupo Otávio Lage e outros três acionistas da empresa exploram em torno de 4,7 mil hectares, com quase 2,5 milhões de seringueiras na região de Goianésia e Barro Alto, das quais 800 mil pés estão em fase de extração, produzindo 6 mil toneladas por ano de coágulo (ou cernambi virgem, vendido a granel). Todo esse volume é entregue à multinacional Michelin, que produz pneumáticos em suas fábricas de Mato Grosso, do Espírito Santo e da Bahia. A Vera Cruz Agropecuária, empresa do grupo Otávio Lage, e os outros três sócios mantêm um contrato de fornecimento por cinco anos com a fabricante francesa de pneus.

Sozinha, a Vera Cruz explora 420 hectares em Goianésia, com mais de 200 mil pés cultivados entre 1989 e 1995 e todos já em produção. Num segundo projeto, entre 2003 e 2010, a empresa implantou quase 900 mil seringueiras em Barro Alto, cobrindo 1.650 hectares. Um terceiro projeto, em terras do próprio grupo localizadas no Tocantins, entrou em fase de preparo do solo para o plantio de 1 milhão de árvores a partir provavelmente do final de setembro. “Quando todas as seringueiras estiverem em fase de sangria, nos dois primeiros projetos, por volta de 2016 ou 2017, vamos empregar 300 funcionários”, afirma Penna.



Seringal e extração do coágulo: quase 2,5 milhões de pés plantados para uma produção mensal de 6 mil toneladas

IDEAL, SINÔNIMO DE CARROCERIAS



A história dos irmãos Oliveira, que decidiram transformar sua serraria na primeira indústria de carrocerias do Estado, estimulados pela chegada da Belém-Brasília

Atraídos pela atividade efervescente estimulada pela nova capital do País, já então inaugurada, mas ainda em fase de consolidação, os irmãos Adolfo Soares de Moraes e Moisés Soares de Oliveira decidiram instalar a Serraria e Carpintaria Ideal no alto da Avenida Tiradentes, em Anápolis. Corria o ano de 1964, uma fase de ebulição política, e a carpintaria abriu as portas exatamente num mês de abril, há 47 anos.

A implantação da rodovia Belém-Brasília estimulou um boom no setor de transportes de cargas e abriu novos horizontes para os irmãos Oliveira, que em 1967 transformaram a carpintaria em uma indústria de carrocerias, a primeira em todo o Estado. Surgiu a Carrocerias Ideal. No ano seguinte, Adolfo decidiu partir para Goiânia para abrir uma filial da indústria. Gerente da empresa desde sua criação, Adão de Oliveira passou a fazer parte da sociedade e tomou a frente do negócio em 1974, quando o outro sócio, Moisés, deixou o Estado rumo ao Pará, onde montou uma serraria. No começo dos anos 80, precisamente em 1982, a fábrica, que se dedicava à produção de carrocerias para carga seca, diversificou sua carteira, abrindo uma linha de montagem de baús metálicos para atender à demanda crescente naquele período. A empresa tem se mantido firme em sua trajetória desde então e, atualmente, além de carrocerias e baús, produz ainda suplementos graneleiros para carrocerias novas e usadas e para transporte de animais.

“Meu pai tinha espírito empreendedor, entusias-

mo e capacidade para garantir o crescimento e a sobrevivência da indústria, hoje uma empresa tradicional do setor”, afirma Adão Adriano Ribas de Oliveira, que dirige a empresa juntamente com o irmão Sudário Augusto Oliveira. “Formamos uma empresa sólida, com quase meio século de história. Não devemos nada a ninguém e nunca entramos em recuperação judicial”, orgulha-se Adão Adriano, não sem motivo.

Mais velho dos irmãos, formado em administração de empresas e administração pública, Sudário entrou para a empresa em 1991, assumindo a área gerencial com o objetivo de continuar o trabalho do pai, afastado por razões de doença. Adão Adriano, administrador de empresas com bacharelado em Direito, uniu-se a Sudário no comando da empresa em 1995.

Adão Adriano, Rosali Ribas e Sudário Augusto: em quase meio século, a empresa mantém-se sólida, sem dívidas





Coquetel

Patrícia Sepulveda e Sílvia Heringer, em badalado coquetel realizado na noite do dia 17 de maio, na Mostra Coleção Movimento da Época. Sílvia Heringer expôs as criações de sua indústria homônima, que fabrica de tecidos exclusivos a colchas, almofadas e cortinas. A mostra gratuita pode ser conferida até o dia 18 de dezembro.



Luigi

De férias em Goiânia, Alejandro Claveaux e o pai, Luiz Eduardo Martinez, curtem momento família. Um tem orgulho do outro. O jovem ator deixou o Grupo Guará de Teatro da PUC Goiás, onde se graduou em engenharia de alimentos, direto para brilhar na TV Globo, em produções de sucesso como o seriado *Clandestinos*. Na capital carioca, o galã também já colocou a venda os queijos da indústria do pai, a Luigi, que desde 1989 fabrica ricota, cheddar e sua especialidade: catupiry. A meta de montar uma filial da indústria goiana por lá já faz parte dos projetos de Claveaux e do pai, um uruguaio que há 30 anos aterrissou em Goiás e acreditou no potencial local.



Decoração

Geraldo Braz (Soloteto) começou o ano com o pé direito. Ele fundou sua indústria de piso drenante nas proximidades da BR-153, saída para São Paulo, e já marcou presença em duas mostras de decoração da cidade. Depois do sucesso da Morar Mais, ele mostra seus produtos em vários ambientes da Casa Cor até dia 21 de junho.



Querido

O presidente da Fieg, Pedro Alves de Oliveira, ganhou jantar-surpresa, dia 5 de maio, com direito a presença de amigos, sindicalistas, autoridades e colegas de trabalho. Realizado na Casa da Indústria, o evento no qual o empresário soprou velinhas de 63 anos foi embalado por música ambiente com quarteto de violoncelo e piano.



Premiação nacional

Angela Sebba (Sicmol) está radiante com nova conquista da sua indústria: prêmio reconhecido na cena nacional de materiais de construção. Dia 31 de maio, ela vai para a capital paulista receber o troféu oferecido pelo Grupo Revenda, em jantar de gala que terá como palco o Clube Monte Líbano. De dez finalistas, sua empresa faturou 42% dos votos na categoria fabricação de gabinetes e armários para banheiro. Feliz por agregar imagem e conceito de produto, ela sabe de cor a quantidade de votos que recebeu de lojistas de todo o Brasil: 1941.



Solidariedade

O coquetel de inauguração da Casa Cor Goiás 2011 foi marcado pela solidariedade. A renda obtida com a venda dos convites foi destinada à Organização das Voluntárias de Goiás (OVG) e ao Centro de Valorização da Mulher (Cevam). No evento, as organizadoras da mostra, Eliane Martins e Sheila Podestá, receberam a primeira-dama do Estado, Valéria Perillo, o presidente do Grupo Casa Cor, Ângelo Derenze, e convidados da sociedade goiana. A Casa Cor Goiás 2011 segue até o dia 21 de junho na Avenida T-2, n. 299, no Setor Bueno, em Goiânia.

Ricardo Lima



As organizadoras da Casa Cor Goiás 2011, Sheila Podestá e Eliane Martins, apresentam as novidades da mostra para a primeira-dama do Estado, Valéria Perillo, durante o coquetel de inauguração da exposição, realizado no dia 12 de maio

giro pelos sindicatos>>

➤ SIFAEG



Nova safra

Aberta oficialmente na primeira semana de maio, na Usina Boa Vista, em Quirinópolis, a safra goiana de cana-de-açúcar 2011/2012 está prevista em 48 milhões de toneladas, quase 2 milhões a mais que a safra anterior. A produção de etanol deverá atingir a marca de 3 bilhões de litros, com projeção de 1,8 milhão de toneladas para o açúcar, praticamente repetindo os números da safra anterior, neste último caso. A usina, que deverá moer 2,5 milhões de cana nesta safra, pertence à Nova Fronteira S.A., empresa constituída a partir de uma associação entre o Grupo São Martinho e a Petrobras Biocombustível. Participaram do evento o governador Marconi Perillo (*foto*), o presidente do Sindicato da Indústria de Fabricação de Etanol de Goiás (Sifaeg), André Rocha, além de Fábio Venturelli, presidente da Nova Fronteira, e o diretor de Etanol da Petrobras Biocombustível, Ricardo Castello Branco, entre outras autoridades.

➤ SIGEGO



Prêmio Aquino Porto

Encerraram-se no dia 20 de maio as inscrições ao 7º Prêmio Aquino Porto de Excelência Gráfica, Criação e Produção, realizado pelo Sindicato das Indústrias Gráficas no Estado de Goiás (Sigego) e pela Associação Brasileira da Indústria Gráfica – Regional Goiás, ambas presididas pelo empresário Antônio Almeida (*foto*). A premiação, prevista para o dia 18 de agosto, tem apoio da Fieg e outras instituições e foi criada para reconhecer e estimular a criatividade e a qualidade dos serviços gráficos produzidos em Goiás. Desde o final do ano passado, o evento faz parte do calendário oficial do município de Goiânia.

Impressão digital

O Senai Vila Canaã foi sede, no dia 17 de maio, do ciclo de palestras sobre impressão digital, realizado pela Digigraf, com apoio do Sindicato das Indústrias Gráficas no Estado de Goiás (Sigego-GO), da Associação Brasileira da Indústria Gráfica – Goiás (Abigraf) e apoio técnico da Associação Brasileira de Tecnologia Gráfica. Os técnicos Bruno Mortara e Waldemar Oliveira falaram, pela ordem, sobre Novas Oportunidades com a Impressão Digital e Impressão Digital: Aplica-se à minha empresa? É lucrativo?

» SINVEST

Goiás Mostra Moda

O Sindicato das Indústrias do Vestuário do Estado de Goiás (Sininvest-GO) realiza, entre 1º e 3 de setembro, no Centro Cultural Oscar Niemeyer, a terceira edição do Goiás Mostra Moda, maior feira atacadista do setor do Estado. Num conceito inovador, que mistura televisão e novela, cinema, arte e moda, a mostra incluirá ainda palestras de figurinistas que ditam tendências na tevê e na tela grande, estilistas e publicitários.

» SINDUSCON

Revestimentos

A Comunidade da Construção de Goiânia, o Sindicato da Indústria da Construção no Estado de Goiás (Sinduscon-GO) e a Associação Brasileira de Cimento Portland (ABCP) promoveram, no dia 12 de maio, o Seminário Revestimentos de Fachada de Edifícios Verticais. O seminário, na sede do sindicato, reuniu pesquisadores de diferentes regiões do Brasil, além da professora doutora Ana Luisa Velosa, da Universidade de Aveiro, em Portugal.

Aprovação de projetos

O Sinduscon-GO e a Ademi-GO, em parceria com a Secretaria Municipal de Planejamento de Goiânia (Seplam), estiveram reunidos no dia 11 de maio para esclarecer engenheiros, técnicos e empresários sobre as normas para a aprovação de projetos arquitetônicos e debater melhorias no sistema, para aperfeiçoar e agilizar procedimentos na esfera municipal.

» SINPROCIMENTO

Pré-moldados

O Sindicato da Indústria de Produtos de Cimento do Estado de Goiás (Sinprocimento-GO) promoveu apresentação, no dia 17, no Palácio da Indústria, sobre o Programa Goiano de Desenvolvimento para o Setor de Pré-Moldados, aprovado no âmbito do Programa de Apoio à Competitividade das Micro e Pequenas Indústrias (Procompi).

» SINDIREPA



Inspeção veicular

O Sindicato das Indústrias de Reparação de Veículos e Acessórios do Estado de Goiás (Sindirepa-GO), presidido pelo empresário Ailton Aires Mesquita, e a Escola Senai Vila Canaã, dirigida por Hélio Pereira Vilaça, promoveram a palestra “Inspeção Veicular Ambiental – Roteiro e Normas da Inspeção”, com participação de empresários e futuros profissionais do setor automobilístico (foto). Com a iniciativa, o Sindirepa-GO quer preparar o segmento automotivo para o futuro próximo, quando a inspeção passará a ser exigida. “A medida vai beneficiar a todos, com melhoria na qualidade do ar e, consequentemente, para a saúde da população nas grandes cidades”, lembra Mesquita.

» SIAA



Assembleia

O Sindicato das Indústrias de Alimentação de Anápolis (SIAA) realizou assembleia geral (foto) em maio destinada à prestação de contas de 2010 e para discutir a convenção coletiva de trabalho para 2011, além de tratar de outros assuntos de interesse da categoria. Após a aprovação das contas e a discussão sobre o andamento da convenção coletiva, o presidente do SIAA, Wilson de Oliveira, fez breve relato sobre sua posse na presidência da Associação Comercial e Industrial de Anápolis (Acia) para o biênio 2011-2013, lembrando que o ato festivo fora cancelado em virtude da morte do ex-presidente da entidade, Deocleciano Moreira Alves.



“O Senai e o Sesi estão trabalhando de forma articulada para oferecer (...) o ensino profissional articulado com a educação básica”

Paulo Vargas, Diretor regional do Senai Goiás e superintendente do Sesi Goiás

A CAPACITAÇÃO VEM DA BOA EDUCAÇÃO

Tema recorrente no debate que vem predominando no meio econômico, a qualificação da mão de obra, de modo especial na atividade da indústria brasileira, é, fundamentalmente, um problema de origem, ou seja, falta a boa educação básica no País. Acrescente-se a isso a formação técnica e tecnológica. Com a indústria vivendo um bom momento, o problema se agrava, e com isso o debate cresce. É preciso encarar a questão de frente e buscar saídas para o impasse, para que não se estabeleça aí um gargalo no processo de crescimento da indústria nacional.

Ciente de suas responsabilidades nesse contexto, o Senai tem procurado, por meio de recursos próprios e parcerias com empresas, ampliar ao máximo possível a capacidade de atendimento de suas escolas. Mas quem nos orienta é o meio industrial, pois buscamos ofertar aquilo de que a indústria de fato precisa. Se hoje faltam trabalhadores qualificados para atendimentos básicos, como na construção civil, por exemplo, temos ao mesmo tempo de pôr os olhos no futuro, nos antecipando para a boa formação de técnicos em atividades que agora começam a aparecer. No Senai, a estruturação dos cursos é feita por técnicos da instituição com a estreita participação de representantes da indústria, tendo como foco a demanda das empresas. Os estudos de prospecção são fundamentais para definir essa linha de atuação.

Para responder bem a tudo aquilo que lhe é solicitado, o Senai em Goiás tem feito esforço enorme para expandir e diversificar sua capacidade de atendimento, inclusive no interior. Alguns bons exemplos desse esforço pela interiorização das atividades formadoras de novos quadros para a indústria são as parcerias com usinas de açúcar e álcool, mineradoras, indústrias de ali-

mentos, montadoras de automóveis, dentre outras. Além disso, a instituição procura sempre rever suas grades curriculares, adequando-as às reais necessidades das indústrias, além de investir fortemente na modernização de seus ambientes de ensino e na capacitação dos seus recursos humanos.

Ainda assim, a equação não estará resolvida. Não basta ter um trabalhador suficientemente qualificado, a indústria precisa estimulá-lo sempre no exercício de sua função. Sabemos que existe ainda uma espécie de indústria do seguro-desemprego, que é um cenário com trabalhadores limitando seu tempo numa empresa aos seis meses, o tempo que lhes permite sair, receber o seguro e se instalar na informalidade, na ilusão duvidosa de que poderá ser essa uma alternativa de vida melhor. Não bastassem esses desafios, o governo ainda oferece um rosário de bolsas, o que, se atenua o sofrimento, hoje, de uma família desempregada, pode tolher nela, no futuro, a aptidão para o emprego e, assim, para a definição da própria vida. Essa é uma política que precisa ser revista, da mesma forma que se impõe maior atenção para com os investimentos na melhoria da educação básica no Brasil.

Estudos mostram claramente que em função do perfil da demanda que existe hoje no País, o ensino técnico possibilitaria ao trabalhador ser aproveitado mais rapidamente no mercado do emprego. Assim, atendendo ao planejamento da Fieg, o Senai e o Sesi trabalham de forma articulada para oferecer, prioritariamente aos dependentes de trabalhadores, o ensino profissional articulado com a educação básica, aumentando assim a possibilidade de realização para quem busca se inserir no mercado de trabalho.

Agende-se Com o Mundo



Centro Internacional de Negócios
de Goiás

Participe das Missões às Feiras Internacionais 2011

O Centro Internacional de Negócios da Federação das Indústrias do Estado de Goiás (FIEG/CIN/CTCOMEX) oferece o apoio necessário às empresas que desejam alcançar o mercado internacional, participando de feiras e missões prospectivas.

<i>Evento</i>	<i>Segmento</i>	<i>Local</i>	<i>Data*</i>
Missão Empresarial de Moda à BBB e Mode City	Têxtil e Moda	Berlim e Paris	4 a 12 de julho
Missão Empresarial à Feira Saitex	Multissetorial	África do Sul e Moçambique	14 a 23 de julho
Missão Sial Mercosul	Alimentos e Bebidas	Buenos Aires, Argentina	30/8 a 3 de setembro
Missão Prospectiva e Rodada de Negócios Expocruz	Multissetorial	Santa Cruz, Bolívia	19 a 24 de setembro
Missão Empresarial Brasileira à China - Canton Fair	Multissetorial	Guangzhou, China	11 a 23 de outubro
The Big 5 Exhibition	Construção Civil	Emirados Árabes, Dubai	18 a 26 de novembro

*Os interessados deverão entrar em contato com o CIN, no mínimo, com 30 dias de antecedência das feiras.

Cursos em Comércio Exterior 2011

O CIN promove cursos voltados a profissionais que atuam na área internacional e que desejam aprimorar seus conhecimentos, assim como para iniciantes em comércio exterior.

<i>Curso</i>	<i>Data</i>	<i>Palestrante</i>	<i>C/H</i>
Contratos Internacionais: Como Reduzir os Riscos e Fechar Bons Negócios	8 de junho	Ms. Lúcio Feijó	8hs
Formação de Preços, Custos e Documentos da Negociação Internacional	11 de agosto	Esp. Tânia Pryplotski	8hs
Exportação Passo a Passo	14 de setembro	Ms. Luiz Roberto	8hs
Negociação Internacional	5 de outubro	Ms. Gabriel Segalis	8hs
Práticas Cambiais	9 de novembro	Esp. Wander Fachinelli	8hs

INFORMAÇÕES: www.cinfiieg.org.br

Centro Internacional de Negócios de Goiás – CIN/FIEG - Av. Araguaia, nº 1.544, Ed. Albano Franco - Casa da Indústria, Setor Leste Vila Nova, Goiânia-GO / Telefone:(62) 3219-1488 - cin@sistemafieg.org.br





Roberta Fernandes,
técnica em Meio Ambiente
da Unidade de Barro Alto.

PENSAR NO FUTURO FAZ BEM. PARA O PLANETA E PARA NOSSOS NEGÓCIOS.

Nosso compromisso com o desenvolvimento sustentável vai além do simples cumprimento das obrigações legais. Sabemos que cuidar do meio ambiente e usar os recursos naturais de forma responsável é bom para a sociedade e também para os negócios.

Em nossa operação de ferroníquel, em Goiás, por exemplo, a água é quase toda recirculada e usamos biomassa para substituir óleo combustível. Já na Unidade de Negócio Minério de Ferro Brasil, cultivamos mais de 75 mil mudas, de centenas de espécies nativas para que sejam reintroduzidas no ambiente.

As ações são locais, mas o reconhecimento é mundial. Fomos incluídos no FTSE4Good, principal indicador de responsabilidade social da bolsa de valores de Londres, e estamos entre as três empresas líderes no segmento de mineração do Índice de Sustentabilidade Dow Jones da bolsa de Nova York.

5 de junho. Dia Mundial do Meio Ambiente.